

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JULIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS CAMPUS BAURU
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

LUCIANA CORDEIRO GARCIA

DIFICULDADES E/OU PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM:

Concepções e Práticas Docentes

BAURU

2010

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JULIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS CAMPUS BAURU
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

LUCIANA CORDEIRO GARCIA

DIFICULDADES E/OU PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM:

Concepções e Práticas Docentes

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências – UNESP, Bauru, como parte dos requisitos para obtenção do título de graduação em Pedagogia, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Thaís Cristina Rodrigues Tezani.

BAURU

2010

Garcia, Luciana Cordeiro.

Dificuldades e/ou Problemas de Aprendizagem: Concepções e Práticas Docentes/ Luciana Cordeiro Garcia, 2010.

62 f. : il.

Orientadora: Thaís Cristina Rodrigues Tezani

Monografia (Graduação)—Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2010.

1. Dificuldades de Aprendizagem. 2. Problemas de Aprendizagem. 3. Fracasso Escola. 4. Práticas Pedagógicas I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

LUCIANA CORDEIRO GARCIA

DIFICULDADES E/OU PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM:

Concepções e Práticas Docentes

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências – UNESP, Bauru, como parte dos requisitos para obtenção do título de graduação em Pedagogia, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª Thais Cristina Rodrigues Tezani.

Banca Examinadora:

Prof^ª Dr^ª Thaís Cristina Rodrigues Tezani – orientadora

Faculdade de Ciências – UNESP – Bauru

Prof^ª Dr^ª Márcia Cristina Argenti Perez

Faculdade de Ciências – UNESP – Bauru

Prof^ª Ms. Rita de Cássia Bastos Zuquieri

Secretaria Municipal de Educação de Bauru

BAURU

2010

Quando nada mais parece ajudar, eu vou e olho o cortador de pedras, martelando sua rocha, talvez cem vezes, sem que uma só rachadura apareça. No entanto, na centésima primeira martelada, a pedra se abre em duas, e eu sei que não foi aquela a que consegui, mas todas as que vieram antes. (Jacob Rtt)

Agradeço...

Primeiramente aos meus pais por toda atenção, carinho, dedicação e compreensão que sempre foram muito importantes pra mim em todos os momentos de minha vida.

Ao meu irmão André e minha cunhada Camila por todo apoio e compreensão que contribuíram para a realização desse trabalho.

Ao meu noivo Wellington pelo carinho e apoio nas horas difíceis. Pela compreensão nos momentos em que não pude presente.

As minhas queridas amigas da Faculdade Ana Suellen, Barbara, Camila, Elizabeth, Lilian, Maria Carolina, Priscila, Regilene, Tânia e Viviane pelas risadas, festas de aniversário, final de ano e inúmeros outros motivos que comemoramos juntas, por todo apoio, carinho e sugestões que contribuíram para a realização dessa pesquisa.

Aos meus colegas de trabalho Carmen, Elisângela, Erika, Helton e Sonia por todo apoio e compreensão.

A Prof^a Dr^a Thais Cristina Rodrigues Tezani por ter aceitado me orientar neste trabalho, por toda atenção e contribuições que permitiram a realização deste trabalho.

A Prof^a Dr^a Márcia Cristina Argenti Perez e Prof^a Ms. Rita de Cássia Bastos Zuquieri por terem aceitado ser Banca desse trabalho e pelas contribuições que o enriquecerão.

Resumo

É sabido que algumas crianças fracassam no aprendizado escolar e entre elas estão as que apresentam dificuldades e/ou problemas de aprendizagem. A essa dificuldade e/ou problema são atribuídas várias causas como problemas neurológicos, ambientais ou ambos. As áreas, mais comuns de serem afetadas são: leitura, escrita e matemática. Essa situação acontece com frequência no cotidiano das instituições escolares e os professores devem estar preparados para trabalhar com a diversidade e possibilitar o desenvolvimento de todos, isso inclui fazer com que essa parcela específica da população escolar tenha um aprendizado significativo e um relacionamento social adequado. Sendo assim, é objetivo desse trabalho, investigar as concepções dos docentes em relação ao tema e as possíveis práticas dos mesmos no ensino fundamental público municipal de Bauru, uma cidade de porte médio do interior do Estado de São Paulo, com essas crianças que não conseguem aprender. Por ser um fato que ocorre com frequência nas escolas, se faz necessário investigar como os professores estão trabalhando com esses alunos, já que a escola deve garantir educação de qualidade e eficiência pedagógica para todos. Para obtenção dos dados utilizamos um questionário com questões de múltipla escolha e dissertativas, esse instrumento foi aplicado em uma escola do município. Foi possível constatar que existe uma confusão entre os termos dificuldades e problemas de aprendizagem o que prejudica a atuação dos docentes com esses estudantes e que as condições de trabalho dos educadores dificultam as práticas educativas.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem. Problemas de aprendizagem. Fracasso escolar. Práticas pedagógicas.

Abstract

It is known that some children fail to learn in school and among them are those that present difficulties and / or learning problems. At this difficulty and / or problems are attributed to various causes neurological problems, environmental or both. The areas most likely to be affected are: reading, writing and mathematics. This situation happens frequently in the daily life of schools and teachers should be prepared to work with diversity and enable the development of all, this includes having this particular part of the school population has a significant learning and an appropriate social relationship. It is therefore aim of this study, to investigate the conceptions of teachers in relation to the theme and possible practices of those in public elementary schools in Bauru city, a medium-sized city in the state of Sao Paulo, with those children who can not learn. Because it is a fact that often occurs in schools, it is necessary to investigate how teachers are working with these students since the school should ensure quality education for all and pedagogical efficiency. To obtain the data we used a questionnaire with multiple choice and essay questions, this tool was applied to a municipal school. It was noted that there is confusion between the terms learning difficulties and problems which affect the performance of teachers with these students and the working conditions of educators hinder their practices.

Keywords: Learning disabilities. Learning problems. School failure. Pedagogical practices

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 PERSPECTIVAS SOBRE OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO | 13 |
| 3 DIFICULDADES E/ OU PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM | 18 |
| 3.1 DE LEITURA | 25 |
| 3.2 DE ESCRITA..... | 26 |
| 3.3 DE MATEMÁTICA..... | 27 |
| 4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O FRACASSO ESCOLAR | 29 |
| 5 ATUAÇÃO DOCENTE DIANTE DE DIFICULDADES E/OU PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM..... | 35 |
| 6 OS PASSOS DA PESQUISA..... | 40 |
| 6.1 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS..... | 42 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 56 |
| REFERÊNCIAS | 58 |
| APÊNDICE A..... | 60 |

1 INTRODUÇÃO

O fracasso escolar de forma geral, e as contingências que o acarretam, tem sido objeto de inúmeras discussões no âmbito da educação e da prática escolar, bem como nos meios acadêmicos. Durante as aulas na faculdade quando parávamos para discutir e refletir sobre a prática docente me questionei como era a atuação dos professores com os alunos que apresentam dificuldades ou problemas de aprendizagem e quais concepções teriam sobre o assunto, já que esse é um tema ainda pouco discutido nos cursos de formação. Então surgiu o interesse em pesquisar o assunto.

Muitas são as crianças que “fracassam” no aprendizado escolar e dentre elas estão os alunos que apresentam dificuldades e/ ou problemas de aprendizagem na leitura, escrita e matemática. A esses “problemas” ou “dificuldades” são atribuídas diversas causas como os problemas neurológicos, psicológicos, biológicos, ambientais ou ambos.

As pessoas têm ritmos e formas diferentes de aprender e o professor deve estar preparado para trabalhar com a diversidade para que todos possam se desenvolver plenamente independente das dificuldades que apresentem. Isto é um problema corriqueiro, portanto, um fato que todo docente deve estar preparado para lidar, já que as práticas educativas devem atender às necessidades de todos os alunos.

Por isso, é possível inferir que a investigação acerca das concepções dos professores em relação a estas dificuldades e/ou problemas, bem como o levantamento das práticas por eles articuladas neste processo, se torna de fundamental relevância para o aprimoramento destes conhecimentos e práticas tanto no contexto de sua formação inicial como no exercício da profissão docente.

Os objetivos da pesquisa foram identificar: a) as concepções que os professores possuem em relação a dificuldades e/ou problemas de aprendizagem; b) quais as práticas, ações e atitudes que costumam tomar diante desses casos; c) o conhecimento desses profissionais acerca do tema; d) como isso foi trabalhado no seu processo de formação e se possuem condições de trabalho adequadas para prática pedagógica com esses alunos.

Os dados foram coletados por meio de questionários junto a professores da rede pública de ensino municipal que lecionam do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. A escola escolhida pertence à Secretaria Municipal de Educação de uma cidade de porte médio do interior do Estado de São Paulo e está localizada em um bairro da periferia do município.

Foi enviado para a Secretaria uma cópia do projeto de pesquisa contendo objetivos, justificativa e os passos da metodologia para a análise. Esse processo burocrático demorou cerca de um mês. Após isso, a coleta de dados foi autorizada e recebemos uma carta de autorização para que pudéssemos apresentar na escola onde seria realizada.

Após estudo da teoria, constatamos que esse tema ainda é pouco estudado e não existe grande volume de publicações a respeito. Não há uma definição clara para dificuldades e problemas de aprendizagem, apesar de serem distintas, alguns autores as usam de maneira indiscriminada até mesmo como sinônimos, por esse motivo não foi possível trabalhar com dificuldades e problemas separadamente (JOSE e COELHO, 1995; MARCHESI e MARTIN, 1995; SMITH e STRICK, 2001).

Acreditamos que as crianças que apresentam dificuldades e/ou problemas de aprendizagem não atingem o rendimento escolar esperado, mas isso não significa que não sejam capazes de aprender, elas necessitam de estímulos e práticas diferentes dos outros alunos.

Os estudantes com dificuldades e/ou problemas de aprendizagem na leitura podem apresentar como características confusão de letras ou palavras semelhantes, dificuldades no ritmo da leitura, adição de palavras que não estão no texto, omissão de palavras ou frases inteiras.

A escrita possui diferentes estágios de desenvolvimento e as crianças passam por essas fases, cada uma a seu ritmo até conseguirem dominar a escrita. Os discentes com dificuldades e/ou problemas de aprendizagem nessa área podem apresentar dificuldades ortográficas, textos de forma desordenada, dificuldade no traçado de letras e números. Mas, dificuldades na escrita são normais até o terceiro ano do ensino fundamental, o professor deve ficar atento com os erros em palavras e textos que são usados com frequência em sala de aula. (JOSE e COELHO, 2001).

Com relação à matemática os alunos não conseguem compreender operações aritméticas, enunciados e instruções matemáticas, várias vezes isso está vinculado a problemas e/ou dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita.

Em muitos casos as crianças com essas dificuldades e/ou problemas fracassam no aprendizado escolar e na tentativa de se tentar explicar isso, em um primeiro momento a culpa recai sobre a própria criança, depois na família e em seguida no professor. Porém, para se solucionar o fracasso escolar não se pode considerar apenas fatores individuais, é preciso levar em conta o coletivo, já que o processo de ensino aprendizagem envolve vários fatores.

Diante desse contexto, abordamos no primeiro capítulo perspectivas sobre os processos de desenvolvimento e aprendizagem. No segundo apontamos questões inerentes as dificuldades e/ou problemas de aprendizagem, da leitura, da escrita e da matemática. No terceiro trazemos algumas considerações sobre o fracasso escolar e no quarto relatamos sobre a atuação docente com alunos que apresentam dificuldades e/ou problemas de aprendizagem. Logo após, apresentamos os passos da pesquisa e análise e interpretação dos dados.

2 PERSPECTIVAS SOBRE OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte. (FREIRE, 2001, p.40).

Nesse capítulo abordaremos algumas características das crianças de 6 a 12 anos que são relevantes para os processos de aprendizagem e desenvolvimento e que devem ser considerados pelo professor durante sua atuação em sala de aula, já que compreender como são os alunos nessa faixa etária e como se dão esses processos é importante para a definição de conteúdos, métodos de ensino e planejamento das aulas.

Conhecendo os seus alunos e a maneira através da qual se dá o seu desenvolvimento no ambiente concreto em que vivem, entendendo os mecanismos que propiciam e facilitam a apropriação de conhecimentos e, sobretudo, tendo consciência da importância da ação docente, o professor poderá avaliar criticamente os conteúdos escolares e os métodos de ensino, de modo que a aprendizagem escolar conduza a um desenvolvimento efetivo (DAVIS e OLIVEIRA, 1994, p. 13).

Portanto, é necessário que os docentes saibam quais as características dos alunos que vão ensinar e como eles se desenvolvem e aprendem. Para Davis e Oliveira (1994, p. 19) “Desenvolvimento é o processo através do qual o indivíduo constrói ativamente, nas relações que estabelece com o ambiente físico e social, suas características. Ao contrário de outras espécies, as características humanas não são biologicamente herdadas, mas historicamente formadas.” Ou seja, o grau de desenvolvimento alcançado por uma sociedade vai sendo transmitido de geração em geração, o que influencia o indivíduo desde o nascimento, interferindo na percepção que vai sendo construída por ele do mundo a sua volta.

Davis e Oliveira (1994, p. 21) afirmam que a aprendizagem “é o processo através do qual a criança se apropria ativamente do conteúdo da experiência humana, daquilo que seu grupo social conhece. Para que a criança aprenda, ela necessitará interagir com outros seres humanos, especialmente com adultos e outras crianças mais experientes”. Por meio de interações as crianças vão aos poucos construindo significados para as suas ações e para as experiências que vivenciam.

A partir da definição desses dois termos é possível constatar que tanto para o desenvolvimento quanto para a aprendizagem o ambiente é um fator relevante para o

progresso educacional. Por isso é tão importante a atuação dos docentes junto aos estudantes principalmente com aqueles que apresentam dificuldades e/ou problemas de aprendizagem.

Enquanto ser social, o homem se constrói necessariamente na relação com outros homens e é no âmbito destas relações que ele aprende o mundo concreto no qual está inserido, ou seja, a aprendizagem só pode se efetivar no interior de processos grupais através das relações sociais que neles se estabelecem. E, se é fundamentalmente através da aprendizagem que o homem se humaniza, podemos afirmar que não há homem, nem individualidade plenamente desenvolvida sem a apropriação do conhecimento, ou seja, sem educação (MEIRA, 1998, p.p.68-69).

Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2002) existem vários fatores indissociados e em permanente interação que afetam todos os aspectos do desenvolvimento humano:

- Hereditariedade – a carga genética que estabelece o potencial do indivíduo, que pode ou não desenvolver-se. Há pesquisas que comprovam os aspectos genéticos da inteligência. No entanto, esta pode desenvolver-se aquém ou além do seu potencial, dependendo das condições do meio em que se encontra.
- Crescimento Orgânico – refere-se ao aspecto físico. O aumento de altura e a estabilização do esqueleto permitem ao indivíduo comportamentos e um domínio do mundo que antes não existiam.
- Maturação neurofisiológica – é o que torna possível determinado padrão de comportamento.
- Meio – o conjunto de influências e estimulações ambientais altera os padrões de comportamento das pessoas.

Esses aspectos devem ser entendidos como uma totalidade, globalidade, já que todos eles estão presentes no desenvolvimento dos indivíduos e uns influenciam os outros. Como afirma Sabini (2003, p. 16) “[...] o resultado da interação organismo-meio; não são nem inteiramente pré-programadas (genéticas), nem resultantes apenas de aprendizagem (ambientais)”. Portanto o desenvolvimento das pessoas não é determinado somente por fatores ambientais ou orgânicos, e sim por ambos.

De acordo com a referida autora, pesquisas evidenciaram a existência de semelhanças na maneira de pensar, sentir e agir de indivíduos da mesma faixa etária e isso levou a utilização de conceitos como estágios, períodos, fases, nas descrições do desenvolvimento do homem. As idades que demarcam uma determinada fase podem variar dentro de certos

limites, havendo acelerações ou atrasos no aparecimento de certos processos e comportamentos que caracterizam um período específico como resultado da qualidade das atividades socioculturais e das intervenções pedagógicas.

Como o desenvolvimento humano é um assunto muito amplo, apontaremos a seguir apenas algumas características das crianças de 6 a 12 anos, segundo a autora Sabini (2003), com o intuito de auxiliar nas reflexões sobre o desenvolvimento e aprendizagem infantis.

O pensamento dos indivíduos por volta dos 6 anos ainda é regulado pela percepção imediata e na maioria das vezes ele toma a si mesmo como ponto de referência. Eles não possuem a noção de distância e não conseguem comparar mentalmente duas grandezas. Porém nessa idade o raciocínio vai se tornando gradativamente reversível, passam a usar uma sequência de pensamentos e retornar ao ponto de partida. É essa reversibilidade que torna possível operação com classes e relações.

Até os 6 anos de idade a maior parte das atividades lúdicas da criança é a fantasia. No jogo dramático ela experimenta concretamente os papéis sociais e aprende sobre a sociedade da qual faz parte, desse modo ela expressa seus sentimentos, temores e ansiedades. Mas a partir dos 5 anos, paulatinamente se iniciam os jogos interativos em que as regras são comuns e respeitadas por todos.

Ao aproximar-se dos 7 anos de idade, a criança apresenta mudanças consideráveis no comportamento, linguagem, interações com as pessoas e qualidade de raciocínio. O pensamento passa a ser mais objetivo e descentralizado, conseguindo operar com as informações do ambiente que são simbolizadas na mente, transformadas, organizadas e empregadas na solução de problemas.

No período compreendido dos 7 aos 12 anos, as crianças dominam os conceitos de distância, de tempo, de classes, de relações e de números. Nessa fase também há o decréscimo do egocentrismo, permitindo que o indivíduo assimile o ponto de vista de outra pessoa, absorvendo a cultura grupal.

Nessa etapa a criança descobre que a aceitação ou a rejeição social depende de suas realizações e essas experiências influenciam a formação do autoconceito. No entanto o indivíduo nessa faixa etária ainda é suscetível às pressões externas, por isso, seu autoconceito baseia-se naquilo que os outros dizem a seu respeito.

Nesse sentido, a escola é importante no processo de identidade, pois as crianças devem aprender a se comportarem em grupo, a adaptar-se as exigências do professor, conviverem com a competição e as críticas dos colegas. Elas buscam a aprovação dos adultos e o respeito dos colegas pelas suas realizações. Em consequência, aparece o receio de não

corresponder às expectativas e o sentimento de inferioridade, caso passem por repetidos insucessos.

No esforço de ser aceita ou para se proteger da rejeição, a criança pode desenvolver comportamentos inadequados, como a agressividade, retraimento e regressão. A agressividade é uma das reações das pessoas submetidas a frustrações. Quando uma criança fracassa na escola, ela pode desenvolver um comportamento agressivo como forma de compensar a rejeição sofrida. A agressão pode manifestar-se ainda em desenhos, no relacionamento com os colegas, nos cadernos e em outros materiais escolares. Outra forma de defesa é o retraimento, evitar aquilo que a faz sentir-se ameaçada ou inferiorizada. Assim, o indivíduo pode não expor suas dúvidas para o professor, ou não participar das atividades por receio de não atingir os objetivos. A regressão é a exibição de comportamentos característicos de uma fase anterior do desenvolvimento. A criança tenta fugir de uma situação angustiante para ela no momento para outra que no passado foi gratificante.

Nessa fase os indivíduos começam a conter seus impulsos ou exigências para agradar aos outros ou evitar punições, eles se esforçam para criar condições para serem reconhecidos, isso faz com que adquiram novos hábitos e habilidades, mas também os tornam dependentes da opinião dos adultos e reduzem sua curiosidade e iniciativa. Os professores devem ficar atentos para responder aos esforços da criança para agradar, encorajando a formação de atitudes desejáveis, sem coibir sua espontaneidade.

A partir dos 6 anos, aparece a necessidade de amizades duradouras e da convivência com outras crianças, com o passar do tempo isso se intensifica. No final desse estágio surge a incorporação de valores grupais, os sentimentos de orgulho, lealdade e solidariedade. Nesse momento se desenvolve a cooperação, apesar de ainda existir o sentimento de competição. O ato de cooperar leva a criança a abandonar o egocentrismo e a buscar o diálogo e o respeito as regras estabelecidas.

Com base nas características que os alunos nessa faixa etária costumam apresentar, os professores, definem os conteúdos e delimitam a metodologia a ser utilizada. Apesar disso, alguns estudantes parecem simplesmente não aprender. Na tentativa de compreender este fato surgem inúmeras explicações como a da imaturidade para aprender, o que desconsidera todo o contexto que a criança está inserida e que influi no aprendizado. Como relata Meira (1998, p.62) “[...] a afirmação de imaturidade neurológica, intelectual ou emocional da criança só é possível se tomarmos o adulto como padrão, o que significa que estas explicações desconsideram que o ser humano é histórico e está em permanente processo de construção.”

Quando os alunos não conseguem realizar sozinhos determinadas atividades não significa que não tenham condições para aprender.

O que ocorre, é que naquele momento as capacidades cognitivas necessárias à realização das tarefas propostas encontram-se em processo de formação, razão pelo qual estes alunos necessitam do auxílio do professor que pode vir em forma de novas explicações, apoio efetivo, atividades diferenciadas etc. (MEIRA, 1998, p. 66).

Nesta perspectiva é importante ressaltar o papel do professor em relação aos processos de desenvolvimento e aprendizagem de todos os seus alunos. O docente precisa romper com a tradição de apontar limites como justificativa para o fato de alguns alunos não aprenderem. Ele precisa proporcionar possibilidades de desenvolvimento que impulsionem novas aprendizagens.

O professor que sabe que o desenvolvimento cria potencialidades mas que só a aprendizagem as concretiza, é aquele que se volta para o futuro no sentido de dar condições para que todos os seus alunos se desenvolvam e que, portanto, busca intervir ativamente neste processo, não se limitando a esperar que as capacidades necessárias à compreensão de um determinado conceito algum dia “amadureçam” (MEIRA, 1998, p.66).

O educador que reconhece que seus alunos se desenvolvem à medida em que os ensina e educa, poderá contribuir para que muitas crianças não fracassem na escola e que tenham uma aprendizagem significativa.

3 DIFICULDADES E/ OU PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM

O educando se reconhece conhecendo os objetos, descobrindo que é capaz de conhecer, assistindo à imersão dos significados em cujo processo se vai tornando também significador crítico. Mais do que ser educando por causa de uma razão qualquer, o educando precisa tornar-se educando assumindo-se como sujeito cognoscente e não como incidência do discurso do educador. Nisto é que reside, em última análise, a grande importância política do ato de ensinar (Freire, 1992, p.48).

As escolas, em alguns casos, tentam se absolver da responsabilidade em relação aos alunos com dificuldades e/ou problemas de aprendizagem que fracassam no aprendizado, atribuindo este fato a causas como atrasos maturativos, falta de prontidão, desnutrição, deficiências entre outros sem questionar seus procedimentos educacionais e práticas pedagógicas.

Alguns educadores acreditam que o problema esteja centrado exclusivamente na criança e assim, se baseiam na concepção inatista de aprendizagem, que parte do pressuposto que os eventos que ocorrem após o nascimento não são importantes para o desenvolvimento.

As qualidades e as capacidades básicas de cada ser humano, sua personalidade, seus valores, hábitos e crenças, sua forma de pensar, suas reações emocionais e mesmo sua conduta social, já se encontrariam basicamente prontas e em sua forma final por ocasião do nascimento, sofrendo pouca diferenciação qualitativa e quase nenhuma transformação ao longo da existência. O papel do ambiente (e, portanto, da educação e do ensino) é tentar interferir o mínimo possível no processo de desenvolvimento espontâneo da pessoa (DAVIS e OLIVEIRA, 1994, p. 27).

A posição inatista apóia-se em algumas contribuições do conhecimento biológico como a proposta evolucionista de Darwin, que afirma que a evolução é resultante de mudanças graduais e cumulativas no desenvolvimento das espécies, essas alterações são hereditárias e fornecem vantagens adaptativas em relação às condições ambientais.

Nessa concepção, o papel do ambiente é bastante limitado, apenas determina qual variação adaptativa melhor permite a espécie sobreviver em um ambiente específico. Essa teoria aplicada ao desenvolvimento humano foi frequentemente mal interpretada, pois a posição inatista não considerou que os fatores ambientais exercem um efeito direto tanto na espécie quanto no organismo.

Segundo Davis e Oliveira (1994, p.29) “a concepção inatista está presente na escola camuflada sobre o disfarce das aptidões, da prontidão e do coeficiente de inteligência, gerando preconceitos prejudiciais ao trabalho em sala de aula”.

Já para outros docentes, o ambiente é um fator determinante para o desenvolvimento das pessoas como pode ser percebido na concepção ambientalista que afirma que os seres humanos desenvolvem as suas características de acordo com as condições presentes no ambiente em que vivem. Para essa teoria, o ambiente é mais importante do que a maturação biológica.

Na visão ambientalista, a atenção de uma pessoa é, portanto, função das aprendizagens que realizou ao longo da sua vida, em contato com estímulos que reforçaram ou puniram seus comportamentos anteriores. [...] Para que a aprendizagem ocorra é preciso, portanto, que se considere a natureza dos estímulos presentes na situação, tipo de resposta que se espera obter e o estado físico e psicológico do organismo (DAVIS e OLIVEIRA, 1994 p.33).

Nessa concepção, a aprendizagem pode ser entendida como o processo pelo qual o comportamento é modificado como resultado da experiência. Alterações de comportamento podem ser obtidas por análises de consequências ou resultados que o mesmo produz no ambiente.

As positivas são denominadas de reforçamento e provocam um aumento na frequência com que o comportamento aparece. Já as negativas são chamadas de punição e levam a diminuição na frequência com que certos comportamentos ocorrem.

Uma das críticas que se faz a teoria ambientalista é quanto ao homem como criatura passiva face ao ambiente, que pode ser manipulado e controlado pela simples alteração das situações em que se encontram.

Outros profissionais da educação se baseiam na concepção interacionista para compreender o processo de ensino e aprendizagem. Essa teoria acredita que na construção do conhecimento há uma interação de fatores internos e externos que se relacionam e formam uma complexa combinação de influências.

A concepção interacionista de desenvolvimento apóia-se, portanto na idéia de interação entre organismo e meio e vê a aquisição de conhecimento como um processo construído pelo indivíduo durante toda a sua vida, não estando pronto ao nascer nem sendo adquirido passivamente graças às pressões do meio. Experiências anteriores servem de base para novas construções que dependem, todavia, também da relação que o indivíduo estabelece com o ambiente numa situação determinada (DAVIS e OLIVEIRA, 1994, p. 36).

Os interacionistas destacam que o organismo e o meio exercem ação recíproca, um influencia o outro, e essa interação acarreta mudanças sobre o indivíduo. Eles discordam das

teorias inatistas por não considerarem o papel do ambiente na aprendizagem e também não concordam com os ambientalistas por ignorarem os fatores maturacionais.

Fonseca (1987) afirma que as dificuldades de aprendizagem (D.A.) não são encaradas num modelo interacionista e dialético. De um lado, os educadores que vêem as D.A. na criança e nos seus déficits de processamento da informação. Do outro, os que vêem as D.A. na atuação do professor em sala de aula.

Para Romero (1995a, p.70), “as instituições educacionais não se dão conta de que as dificuldades de aprendizagem são freqüentemente atribuíveis ao meio educacional, com muita freqüência carentes de estímulos, inapropriado e ineficaz.”

Conforme estão previstos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), os professores devem garantir a todos, condições de aprendizagem levando em conta características pessoais de déficit sensorial, motor, psíquico ou de superdotação, além de fatores sociais, culturais e a história educativa de cada aluno. É, portanto atribuição do professor, atender as necessidades singulares de determinados estudantes, analisar suas possibilidades de aprendizagem e avaliar a eficácia das práticas educativas adotadas.

Por serem ainda pouco estudadas, não existe uma definição clara para dificuldades e problemas de aprendizagem, que muitas vezes são utilizadas de maneira indiscriminada, sendo até mesmo usadas como sinônimos pelos autores que pesquisam e escrevem sobre o assunto e também pelos profissionais da educação que atuam diretamente com as crianças.

Smith e Strick (2001, p.15) afirmam que “as informações sobre dificuldades de aprendizagem têm tido uma penetração tão lenta que os enganos são abundantes até mesmo entre os professores e outros profissionais da educação.” Por esse motivo, neste trabalho, não foi possível optar por apenas uma nomenclatura, já que ainda existe uma confusão entre os próprios teóricos da área.

Para Marchesi e Martín (1995, p.24), problema de aprendizagem “é qualquer dificuldade observável enfrentada pelo aluno para acompanhar o ritmo de aprendizagem de seus colegas da mesma faixa etária, independente de qual seja o fator determinante”. Portanto, para esses autores problema de aprendizagem é qualquer dificuldade que a criança apresente em uma ou mais disciplinas em um determinado momento, mas seus colegas da mesma idade conseguem realizar e acompanhar as atividades e isso pode ocorrer por diversos motivos.

Os problemas de aprendizagem para José e Coelho (1995, p.23) “referem-se a situações difíceis enfrentadas pela criança normal e pela criança com desvio do quadro normal mas com expectativa de aprendizagem a longo prazo.” Ou seja, são alunos que podem ou não

apresentar algum tipo de patologia, mas o que não significa que não consigam aprender, eles tem condições de se desenvolverem plenamente e para isso é necessário uma prática pedagógica adequada.

Dificuldades de aprendizagem de acordo com Smith e Strick (2001, p.14) são “problemas neurológicos que afetam a capacidade do cérebro para atender, recordar ou comunicar informações.” Portanto, para essas autoras dificuldades de aprendizagem são problemas orgânicos que podem afetar várias áreas e prejudicar o desempenho escolar.

Existem várias causas que desencadeiam as dificuldades e/ou problemas de aprendizagem como fatores orgânicos, psicológicos e ambientais. Jose e Coelho (1995) relatam que entre os fatores orgânicos estão: má alimentação, saúde física debilitada e sistema nervoso doentio. Na parte psicológica, as principais causas são: baixa auto-estima, rejeição, inibição, ansiedade e fantasia. Já entre os fatores relacionados com o ambiente estão: baixa estimulação recebida pela criança, influência dos meios de comunicação e tipo de educação familiar.

Segundo Romero (1995a, p.57), “as dificuldades de aprendizagem costumam ser atribuídas a variáveis pessoais tais como hereditariedade ou lesões cerebrais, variáveis ambientais como os ambientes familiares e educacionais pobres e uma combinação interativa de ambos os tipos”.

As dificuldades de aprendizagem estão relacionadas a fatores biológicos e ambientais como doenças que podem ser transmitidas de geração para geração, a lesões no cérebro ou sistema nervoso central, a ambientes tanto familiar quanto educacional com poucos estímulos às crianças, assim os problemas no aprendizado pode não estar ligado a um único fator isolado.

Para Smith e Strick (2001), raramente as dificuldades e/ou problemas de aprendizagem podem ser atribuídas a uma única causa, vários fatores distintos podem prejudicar o funcionamento do cérebro, e os problemas psicológicos frequentemente são complicados, por seus ambientes familiar e escolar.

De acordo com Jose e Coelho (1995), por meio de pesquisas científicas foi possível constatar que para um aprendizado adequado é preciso certo amadurecimento do organismo nos aspectos fisiológico, emocional, neurológico, intelectual e social. Quando uma criança inicia o ensino fundamental é esperado que ela tenha um bom desenvolvimento da linguagem oral, ou seja, que ela consiga compreender e se expressar sem dificuldades.

Isso é importante para o início da alfabetização, enquanto processo de formalização, pois desse modo ela estará apta a desenvolver a compreensão da palavra impressa tanto para a leitura como para a escrita.

Como afirmam Jose e Coelho (1995, p. 83), “por ser uma etapa anterior à linguagem escrita, a linguagem oral se constitui num pré-requisito básico para a alfabetização e, conseqüentemente para a aprendizagem da leitura e da escrita”.

Além do desenvolvimento da linguagem oral é necessário também que outras habilidades sejam trabalhadas como: a percepção, esquema corporal, lateralidade, orientação espacial e temporal, coordenação visomotora, ritmo, análise e síntese visual e auditiva e habilidades visuais e auditivas. “O preparo para iniciar a leitura e a escrita (alfabetização) depende de uma complexa integração dos processos neurológicos e de uma harmoniosa evolução de habilidades básica, como percepção, esquema corporal, lateralidades etc.” (JOSE e COELHO, 1995, p. 77).

A educação infantil tem a função de trabalhar os pré-requisitos necessários para a aprendizagem da leitura, escrita e matemática, mas muitas vezes as práticas nesse nível do processo de escolarização, deixam de estimular essas habilidades em nome de uma alfabetização precoce, que pode prejudicar o desenvolvimento adequado da criança. A seguir será apresentada a descrição de cada habilidade segundo as autoras Jose e Coelho (1995).

A percepção trabalha os cinco sentidos: visão, audição, tato, olfato e paladar, eles proporcionam o desenvolvimento do sistema nervoso fazendo com que os alunos consigam perceber um maior número de detalhes em objetos e no ambiente.

Esquema corporal é o conhecimento do próprio corpo, de suas partes, dos movimentos, das posturas e das atitudes. Essa habilidade é indispensável para a formação do eu, ou seja, a criança percebe as pessoas e os objetos que a cercam a partir da percepção que ela passa a ter de si mesma. Também possibilita que o corpo seja utilizado como ponto de referência para a aprendizagem de determinados conceitos indispensáveis à alfabetização como em cima, embaixo, na frente, atrás, esquerda, direita, além de permitir o equilíbrio corporal e ajudar no controle de impulsos motores.

Lateralidade é a preferência neurológica que se tem por um lado do corpo para a realização de algumas tarefas como segurar um lápis, existem pessoas destros que utilizam a parte direita do corpo, as canhotas a parte esquerda e as ambidestras que usam ambos os lados. Os alunos com problemas de lateralidade costumam apresentar letra ilegível, posturas e orientação espacial inadequadas para escrever.

Orientação espacial é a consciência da relação do corpo com o meio. A criança que não possui essa orientação pode confundir letras que diferem quanto à orientação espacial como *b/d* e *q/p*, ter dificuldade de locomover os olhos no sentido esquerdo-direito e não respeitar os limites da folha. A orientação temporal é a percepção de que os fatos tem certa duração e uma determinada sucessão como a noção de ontem, hoje e amanhã. A falta desse pré-requisito pode causar dificuldades na pronuncia e na escrita de palavras, dificuldades de retenção de uma série de palavras na frase e de uma série de idéias dentro de uma história e não correspondência dos sons com as letras que os representam.

A coordenação visomotora é a capacidade de coordenar o movimento ocular com os movimentos das mãos. A criança com problema nessa habilidade tem dificuldade por não conseguir guiar os movimentos da mão e perceber como deve iniciar o traçado das letras.

Ritmo é a noção de duração e sucessão dos sons. A ausência desse pré-requisito pode causar uma leitura lenta e a escrita de duas ou mais palavras unidas.

Análise e síntese visual e auditiva é a capacidade de visualizar o todo, dividi-lo em partes e depois juntá-los para formar o todo. Isso é adquirido por meio de desenhos e estimulações auditivas como adivinhações e rimas. Quando há problemas nesse processo a criança tem dificuldades na formação das sílabas, na seqüência das letras e na formação de palavras.

Habilidades visuais são as percepções de semelhanças e diferenças, de formas e tamanhos, figura fundo e a memória visual. As crianças devem ser estimuladas a fazerem movimentos oculares em todas as direções para que ao iniciarem a leitura e a escrita, elas possam deslocar o olhar para a esquerda e a direita, movimento necessário para ler e escrever. Sem essa habilidade a leitura e a escrita ficam lenta, com inversões e omissões.

Habilidades auditivas são as percepções de diferenças sonoras, principalmente entre letras com sons parecidos como *f/v*, *t/d*, *p/b*. É preciso também estimular a memória auditiva para que a criança faça a correspondência entre som e letra.

Algumas das dificuldades enfrentadas pelos alunos com problemas no processo de ensino aprendizagem também são citadas por outro autor:

Dificuldades de discriminação visual, onde se identificam problemas em reconhecer semelhanças e diferenças de formas, cores, tamanhos, objetos, figuras, letras, números, [...] dificuldades na figura fundo, onde se localizam problemas em reconhecer uma forma independentemente de variações introduzidas na posição, no tamanho, na cor, na textura. [...] dificuldades de associação e integração visual, onde se manifestam problemas de organização de informação visual, como na associação imagem-palavra;

dificuldades de coordenação viso-motora, onde se denotam problemas em coordenar a visão com os movimentos do corpo ou da mão, quer na recepção ou propulsão de objetos (bolas por ex.), quer na execução de tarefas de papel e lápis (FONSECA, 1987, p.p. 308-309).

De acordo com Smith e Strick (2001) estudantes com dificuldades e/ou problemas de aprendizagem possuem dificuldades na coordenação motora, para seguir instruções, de se organizar em relação a tempo e espaço, de relacionamento com os colegas da mesma idade e de controlar os impulsos.

As crianças que apresentam dificuldades e/ou problemas de aprendizagem não podem ser consideradas como deficientes, como afirma Fonseca (1987, p.100):

trata-se de uma criança normal, que aprende de uma forma diferente, apresenta uma discrepância entre o potencial atual e o potencial esperado. Não pertence a nenhuma categoria de deficiência, não sendo sequer uma deficiência mental, pois possui um potencial normal que não é realizado em termos de aproveitamento escolar.

Esses discentes não selecionam os estímulos relevantes dos irrelevantes, principalmente quando mais de um estímulo está presente ao mesmo tempo em determinado momento. A “competição” entre os estímulos perturba esses alunos tanto ao nível visual como ao nível auditivo. E muitas destas situações ocorrem durante o aprendizado escolar como o permanente barulho exterior, proximidades de recreios e ruas agitadas, quadro repleto de informação, salas carregadas de estímulos nas paredes e ausência de rotinas.

A memória constitui um processo de reconhecimento do que foi aprendido e retido, uma função neuropsicológica imprescindível à aprendizagem, elas são indissociáveis, razão pela qual as crianças com dificuldades e/ ou problemas de aprendizagem apresentam problemas de memorização, conservação e retenção da informação anteriormente recebida.

Esses alunos apresentam freqüentemente sinais de instabilidade emocional, de dependência, intolerância à frustração e inúmeros problemas de comunicação. Além disso, é possível destacar que:

A repetição crônica do insucesso e o seu efeito em termos de expectativas, levam à criação de resistências, fobias e defesas perante as tarefas educacionais. Nenhum adulto suporta uma atmosfera de permanente inêxito, muito menos uma criança. Muitas delas face aos resultados escolares, vão-se convencendo que não aprendem por mais que tentem, daí o perigo em negligenciar a implicação das D.A. no desenvolvimento da personalidade global da criança (FONSECA, 1987, p. 311).

As crianças com dificuldades e/ ou problemas de aprendizagem necessitam de avaliações para o diagnóstico de suas habilidades e aptidões, de seus conhecimentos e níveis de execução, para a partir disso elaborar um planejamento de ensino com estabelecimento das necessidades e das metas educacionais, especificando os objetivos, processos para alcançá-lo, métodos e meios. A partir dessas observações é preciso refletir sobre como são as práticas dos professores da rede pública de ensino junto a essa parcela específica do corpo discente, o quanto de conhecimento eles possuem acerca do assunto.

Dentre as dificuldades e/ ou problemas de aprendizagem podem-se encontrar as de linguagem, de leitura, de escrita e de matemática. Nesse trabalho, vamos nos ater aos problemas de escrita, leitura e matemática. Também não nos aprofundaremos no tema em questão, apenas apresentaremos alguns pontos para melhor compreensão da temática em estudo.

3.1 DE LEITURA

O processo de leitura é realizado por meio da correspondência entre sons e letras, da decifração do código e a compreensão do conceito ou idéia. A leitura envolve ainda o entendimento de aspectos culturais, econômicos, políticos e sociais. Segundo Jose e Coelho (1995) o processo de leitura envolve a identificação de símbolos gráficos pelos órgãos da visão, após recebidos os estímulos são transmitidos do nervo ótico, aos centros visuais do cérebro. Em seguida é feito o relacionamento dos símbolos gráficos com os sons correspondentes, depois disso espera-se que a criança compreenda o significado do que leu, julgue e assimile de acordo com as suas vivências.

Os alunos que apresentam dificuldades e/ou problemas de aprendizagem na leitura podem ter como características problemas com a memória visual e auditiva, orientação espaço-temporal, esquema corporal e discriminação visual e auditiva.

Para as autoras citadas, as pessoas com dificuldades na discriminação visual podem apresentar confusão de letras ou palavras semelhantes, dificuldades no ritmo da leitura, troca de letras como *b* e *d*, dificuldade em ler da esquerda para a direita, adição de palavras que não estão no texto, omissão de palavras ou frases inteiras, repetição de palavras e frases e agregar letras as palavras.

Ainda para as mesmas autoras as crianças com dificuldades na discriminação auditiva apresentam troca de consoante surda por sonora como *f/v*, *p/b*, troca de vogal oral por nasal

como *an/a en/e* e pontuação ausente ou inadequada. Além disso, alguns alunos apresentam problemas na compreensão da leitura, essas dificuldades podem estar relacionadas a velocidade da leitura já que uma leitura lenta atrapalha a retenção das idéias do texto e a utilização inadequada dos sinais de pontuação o que interfere no significado do que está sendo lido.

A dislexia é um tipo de distúrbio que causa dificuldade na identificação de símbolos gráficos, embora a criança apresente inteligência normal, integridade sensorial e receba estímulos e ensino adequados.

De acordo com Jose e Coelho (1995) os principais problemas apresentados pelos disléxicos são dificuldade em escrever letras e números corretamente, ordenar letras e meses do ano, dificuldade incomum para lembrar a tabuada, compreensão de leitura mais lenta que o esperado pela idade, confunde números de telefone, horários e datas e demonstram insegurança e uma baixa auto-estima.

Os alunos que apresentam dificuldades e/ou problemas de aprendizagem de leitura apresentam características como as citadas acima e os professores devem ficar atentos a essas situações para poder auxiliar esses discentes no processo educativo.

3.2 DE ESCRITA

Para escrever é necessário que a pessoa seja capaz de conservar a ideia que tem em pensamento e transcrevê-la de forma ordenada para que os fatos tenham relação uns com os outros. Para Jose e Coelho (1995, p.92) “escrever significa relacionar o signo verbal, que já é um significado, a um signo gráfico. É planejar e esquematizar a colocação correta de palavras ou idéias no papel. O ato de escrever envolve, portanto, um duplo aspecto: o mecanismo e a expressão do conteúdo ideativo.”

A escrita possui diferentes estágios de desenvolvimentos, que vão evoluindo conforme o ritmo de cada um. Para as autoras citadas acima, existem aspectos importantes que devem ser considerados no desenvolvimento gráfico como o desenvolvimento da linguagem oral, das habilidades de orientação espacial e temporal, da coordenação visomotora e memória visual e auditiva.

A disgrafia se caracteriza pela dificuldade em passar para a escrita o estímulo visual da palavra impressa. Jose e Coelho (1995, p.95) afirmam que a “criança disgráfica não é portadora de defeito visual nem motor, e tampouco de qualquer comprometimento intelectual

ou neurológico. No entanto ela não consegue visualizar no plano motor o que captou no plano visual.” Elas relatam ainda que esses alunos apresentam textos de forma desordenada, margens malfeitas ou inexistentes, dificuldade no traçado das letras e números e movimentos contrários aos da escrita convencional.

A disortografia é a incapacidade de transcrever corretamente a linguagem oral, havendo trocas e confusões de letras. No entanto, essa dificuldade não interfere na qualidade do traçado das letras. Segundo Jose e Coelho (1995) os principais erros que as pessoas com esse tipo de dificuldade cometem são confusões de letras, sílabas e palavras com alguma semelhança sejam elas auditivas ou visuais e dificuldades em recordar a sequência de sons da palavra. Elas também ressaltam que as trocas ortográficas são normais até o terceiro ano do ensino fundamental, antiga segunda série, mas o professor deve avaliar as dificuldades ortográficas de seus alunos, principalmente a troca de letras ou sílabas de palavras conhecidas e que são com frequência trabalhadas em sala de aula.

Erros de formulação e sintaxe, nesse tipo de dificuldade a criança apresenta uma linguagem oral bem desenvolvida e compreende bem o que lê, mas não consegue produzir um texto próprio. Para as autoras citadas acima os alunos com esse problema participam das atividades escolares até o momento em que são solicitados a transferir o conhecimento adquirido para o papel.

É importante que os docentes acompanhem o desenvolvimento de seus alunos, para que possam perceber quando os erros frequentes estão prejudicando o desempenho escolar dos estudantes, podendo estes apresentar problemas e/ou dificuldades de aprendizagem.

3.3 DE MATEMÁTICA

A Matemática é uma linguagem que utiliza símbolos para se expressar. Os alunos com dificuldades e/ou problemas de aprendizagem nessa área não conseguem compreender operações aritméticas, enunciados e instruções matemáticas, em muitos casos isso está vinculado a problemas e/ou dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita.

Para Jose e Coelho (1995, p.98) “a criança com uma desordem de linguagem receptivo- auditiva não é necessariamente deficiente nas relações quantitativas da aritmética. Ela se sai bem em cálculos mas é inferior no que diz respeito ao raciocínio e aos testes de vocabulário aritmético.”

Segundo as autoras citadas acima distúrbios na memória auditiva impedem que os alunos lembrem os números com rapidez, eles reconhecem o número quando ouvem, mas em alguns momentos não conseguem pronunciá-los. Os discentes com esse tipo de problema podem não conseguir guardar os fatos de um enunciado apresentados oralmente, o que impede a resolução de problemas matemáticos.

Entre as dificuldades e/ou problemas de aprendizagem da matemática está a discalculia que afeta a habilidade com os números, fazendo com que as crianças se confundam com operações matemáticas, conceitos, fórmulas, sequências numéricas ao realizar contagens.

Esses estudantes também não conseguem relacionar o símbolo a quantidade, visualizar um conjunto de objetos dentro de um conjunto maior, compreender o princípio de conservação de quantidade e entender o significado dos sinais de adição, subtração, multiplicação e divisão.

É importante que o professor observe se o problema e/ou dificuldade que o aluno apresenta está relacionado com a matemática ou com a leitura e escrita, para assim auxiliar a criança na sua real necessidade.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O FRACASSO ESCOLAR

A escola não perde seus alunos só porque eles precisam trabalhar, mas também porque existe uma distância enorme entre ela e a vida que os meninos levam. Nada mais resta a eles senão cumprir as profecias de fracasso que a sociedade anuncia para eles (MEDEIROS, 1986, p.61)

Os estudos das dificuldades e/ou problemas de aprendizagem ao longo do tempo sempre estiveram ligados as diferenças, sejam elas de rendimento intelectual, socioeconômicas e culturais. As pesquisas foram realizadas para tentar explicar porque muitas crianças fracassavam na escola, principalmente aquelas das camadas populares, em um primeiro momento a culpa recaiu na própria criança que foi considerada responsável pelo seu insucesso escolar.

[...] as causas dos problemas de aprendizagem escolar encontravam-se na criança, porque ela era portadora de atraso no desenvolvimento psicomotor, perceptivo, lingüístico, cognitivo, emocional. Essas deficiências a levariam a não ter prontidão necessária a alfabetização no momento de ingresso na escola (PATTO, 1985, p.54).

Por meio dessa concepção, os estudantes que não conseguiam aprender eram encaminhados para atendimentos médicos e psicológicos. Em muitos casos para se diagnosticar o problema eram utilizados testes de inteligência que acabavam por comprovar que as crianças possuíam um QI baixo e não tinham a prontidão necessária a alfabetização.

Para Patto (1985, p. 56) “[...] os testes de inteligência disponíveis medem muito mais a capacidade de emissão de respostas consideradas certas ou erradas do que processos mentais.”

Algumas vezes esses alunos eram submetidos a um tratamento medicamentoso que trazia inúmeros efeitos colaterais que os tornavam sem condições de aprender, o que acabava por confirmar que não possuíam condições de ter um rendimento adequado em sala de aula.

A desnutrição também era tida como causa do fracasso escolar das crianças das famílias de baixa renda, pois pesquisas médicas afirmaram que a falta considerável de proteínas nos primeiros anos de vida poderia causar lesões cerebrais irreversíveis. Porém pessoas severamente desnutridas dificilmente chegam aos 7 anos de idade e quase não tem acesso à escola.

Pode-se afirmar, com toda a segurança, que o discurso de que o fracasso escolar é decorrente da desnutrição não tem qualquer respaldo científico.

Acrescenta-se ainda que: a grande maioria das crianças que desenvolvem desnutrição grave provavelmente morre antes dos cinco anos, não estando na escola; as funções intelectuais superiores de maior complexidade (que poderiam ser comprometidas pela desnutrição) não são pré-requisitos para a alfabetização; aliás, aos sete anos, nem mesmo estão presentes (COLLARES e MOYSES, 1996, PP. 96-97).

Essas explicações contribuíram para transmitir uma imagem negativa dos alunos das classes menos abastadas, pois eram considerados portadores de deficiências e problemas no desenvolvimento. Posteriormente, a família passou a ter responsabilidade em relação ao não aprendizado das crianças, já que não lhes proporcionavam ambientes saudáveis e adequados para um bom desenvolvimento psicológico, motor, social e afetivo.

É comum ouvirmos o professor dizer que o aluno é “fraquinho”, que ele não tem prontidão e que não consegue aprender porque em casa não conversam com ele, porque os pais falam muito errado, porque ele é uma criança traumatizada por viver num ambiente familiar muito agressivo, porque não tem possibilidades de desenvolver suas habilidades motoras e perceptuais, porque vive num ambiente pobre de oportunidades de manipulação e de discriminação perceptiva (PATTO, 1985, p.54).

Esse tipo de afirmação foi feita sem levar em consideração os aspectos socioeconômicos em que essas famílias estavam sujeitas e a dominação cultural que foi imposta as pessoas das camadas sociais menos favorecidas, pois foram taxadas como portadores de “subcultura”. Nessa concepção os valores, os conceitos, os modos de pensar e viver das classes dominantes foram considerados os mais adequados para um desenvolvimento sadio e a cultura das classes menos favorecidas foram definidas como interferências prejudiciais ao desenvolvimento psicológico infantil, responsáveis pelas falhas na aprendizagem. E na tentativa de mudar esse quadro foram elaborados programas especiais destinados a essas crianças.

Para solucionar o fracasso escolar, defendiam-se programas especiais que deveriam “remediar” as deficiências geradas pela “privação cultural”, oferecendo às crianças das camadas populares uma educação compensatória. Entretanto, ao contrário do esperado, esses programas pouco contribuíram para que os alunos apresentassem melhor desempenho escolar e, mesmo quando isso ocorria, os resultados eram limitados ou de curta duração (SCOZ, 1994, p. 09).

Em outro momento das pesquisas educacionais procurou-se verificar a contribuição dos processos educativos na produção do fracasso escolar principalmente em relação aos alunos das classes populares. As investigações sobre as causas dos problemas e/ou

dificuldades de aprendizagem passam pela política e legislação educacional, formação, valorização e condições de trabalho dos professores.

De acordo com Patto (1985) quando os docentes utilizam pedagogias que levam em conta características infantis, estabelecem relações mais construtivas com os estudantes, demonstram comprometimento com os interesses das camadas populares e tem domínio sobre o conteúdo que ensinam, alcançam resultados positivos com os alunos que antes não conseguiam aprender. Isso é uma indicação de que essas crianças em geral possuem condições de aprender e que suas potencialidades não estão sendo exploradas adequadamente em nossas escolas.

Contudo não se pode transformar o professor em réu, é preciso questionar a política educacional brasileira que não valoriza os educadores, impondo a eles péssimas condições de trabalho como classes superlotadas, falta de materiais didáticos e baixos salários que obrigam os docentes a aumentarem sua jornada de trabalho para conseguir se sustentar. Scoz (1994, p. 132) afirma que “A impossibilidade de um atendimento mais individualizado aos alunos devido à superlotação das classes é freqüentemente apontada pelas professoras como um obstáculo à realização de um trabalho produtivo.”

Uma das práticas que também costuma acontecer com frequência nas escolas são os remanejamentos tanto de alunos de uma sala para outra, quanto de professores que mudam de escolas em pleno ano letivo em busca de melhores condições de trabalho, como relata Patto (1996, p. 190 - 191):

“[...] esta movimentação dos educadores em momentos inoportunos não raramente ocorre por motivos alheios a uma preocupação genuína, por parte das autoridades educacionais com a qualidade de ensino. A falta de estabilidade do corpo docente, que se vê agravada pela maneira como se realizam os concursos e se remanejamos docentes [...]”

O modo como esses remanejamentos são feitos tem consequências sobre a qualidade do trabalho pedagógico, a dinâmica de grupo dos profissionais que atuam nas escolas e rompem os vínculos estabelecidos entre alunos e professores. Já que cada docente tem uma maneira diferente de trabalhar com os alunos e os colegas de profissão.

O remanejamento de estudantes de uma sala para outra se dá em busca de homogeneizar a turma com o objetivo de facilitar o trabalho do educador e beneficiar os discentes, porém agrupá-los dessa forma não traz vantagens, pois eles são apontados pelos outros alunos e professores como pertencentes a classes fracas, de alunos repetentes.

[...] a homogeneização de classes, sob a alegação técnica de que ela facilita o trabalho do professor e beneficia as crianças envolvidas. Na verdade, sabemos que esta divisão dos alunos em busca da homogeneidade é ilusória e perigosa, pois é estigmatizante e mais impeditiva do que benéfica à progressão escolar. (PATTO, 1996, p.211)

Ao longo da história educacional brasileira, percebe-se que a garantia de acesso à educação, não significou garantia de permanência e qualidade de ensino, já que muitas crianças abandonam a escola devido a múltiplas repetências por não terem acompanhado o aprendizado e o rendimento escolar esperados. Como relatam Collares e Moyses (1996, p. 196) “A criança que simplesmente sai da escola, que entra nas estatísticas de “evasão escolar”, é a que já foi retida várias vezes e que sabe que será reprovada mais uma vez. Não abandona é expulsa. É o retrato final do fracasso escolar.” Ou seja, na maioria dos casos não é feito um esforço significativo para que esses alunos permaneçam e tenham assegurado um aprendizado de qualidade, pois com esse tipo de estudante fora da escola é um “problema” a menos para o sistema escolar.

Os autores citados acima analisaram as causas do fracasso escolar segundo o discurso de professores e diretores. Entre as causas apontadas estão as centradas na criança, na família e no professor. Todos os profissionais da educação mencionaram que o motivo do fracasso escolar está relacionado com a criança e à sua família e quanto aos fatores inerentes a instituição escolar os diretores responsabilizam os professores, porém poucos docentes compartilham da mesma opinião. E quanto ao sistema educacional as críticas praticamente não existem.

Entre os fatores apontados como causas centradas nos alunos estão a desnutrição, doenças neurológicas, deficiência mental, imaturidade, problemas emocionais, falta de motivação e prontidão.

Costumeiramente os alunos com dificuldades e/ou problemas de aprendizagem são encaminhados para atendimentos médicos tanto na rede privada quanto na pública, pois tudo o que foge da norma, não corresponde ao esperado é transformado em um problema biológico e individual. Então, surge a medicalização como a solução para o não aprendizado e se mesmo assim não resolver, a escola fez à parte dela ao encaminhar o aluno, reforçando que ele realmente não tem condições de aprender, sem nem ao menos questionar a sua prática pedagógica como afirma Collares e Moyses (1996, p. 90) “A questão pedagógica parece estranha ao problema do fracasso escolar, não chega a ser considerada nem como uma das esferas em que se poderia buscar soluções.”

Nas causas centradas na família os principais fatores apontados são a separação dos cônjuges, alcoolismo, desemprego, prostituição, falta de tempo dos pais, analfabetismo dos pais, falta de estímulo e interesse, pobreza e migração.

A instituição escolar com frequência responsabiliza a família pelo não aprendizado dos filhos, já que eles não costumam participar da vida escolar, não os ajudam com a tarefa em casa. Mas como cobrar isso dos pais já que alguns são analfabetos ou semi-analfabetos e não possuem condições de ajudar a escola a ensinar as crianças. E hoje a maioria das mulheres trabalham fora de casa várias horas por dia, principalmente as das camadas sociais mais pobres para poderem sustentar seus filhos e não tem disponibilidade de horário para auxiliá-los nas questões escolares.

Ao se lembrar que hoje muitas mulheres trabalham fora de casa, inclusive as mulheres dos estratos sociais mais pobres, exatamente as que moram nas periferias e são semi-analfabetas, é estranha a maneira como a escola coloca suas interações com a família. Ter pais com condições de participar da educação escolar é um pré-requisito para que a criança aprenda. (COLLARES e MOYSES, 1996, p. 166).

Já nas causas centradas no professor foram apontados os fatores da má formação, desvalorização, falta de interesse, falta de condições materiais para trabalhar. Por fim, a culpa recai sobre o professor que é considerado mal formado, pois não tem domínio dos conteúdos, utilizam incorretamente as teorias educacionais, o conhecimento teórico é superficial. E, para sanar esses problemas os cursos de formação continuada oferecidos aos docentes simplificam tanto as teorias com a intenção de torná-las acessíveis a todos que acabam por distorcê-las.

A cada novo conhecimento teórico, nova corrente que se torna conhecida, alguns profissionais se apropriam do autor, tornam-se seus “porta-vozes”, únicos autorizados a interpretá-lo, discuti-lo. Seus donos, literalmente. E, como porta-vozes, se encarregam de traduzir suas idéias para uma linguagem mais simples, acessível a todos. Tão mais simples, que nelas não se reconhece mais o autor original (id.ibid, p.206).

É preciso repensar os cursos de formação inicial e continuada para garantir qualidade de ensino ao professores para que estes possam atuar com eficácia em sala de aula.

Collares e Moyses (1996, p.164) informam que “O fracasso escolar deve ser resgatado em sua dimensão coletiva, não como um problema individual, nem mesmo somatória de problemas individuais, mas problema coletivo, que deve ser analisado e solucionado a partir da compreensão que se produz no cotidiano de uma instituição coletiva.” Para solucionar o

fracasso escolar não se pode considerar apenas fatores individuais, é necessário que a escola leve em consideração os conhecimentos que os alunos já trazem ao ingressarem na instituição e as relações que se estabelecem entre os alunos, alunos e professores, docentes e docentes, escola e comunidade, pois todos esses fatores influem no processo de ensino aprendizagem.

5 ATUAÇÃO DOCENTE DIANTE DE DIFICULDADES E/OU PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção (FREIRE, 1996, p.47).

É importante que os professores observem e acompanhem a aprendizagem de seus alunos durante as aulas, principalmente aqueles que apresentam algum tipo de dificuldade, pois nesses momentos é possível perceber o que realmente o aluno consegue fazer sozinho, o que faz com auxílio do professor ou de outra criança e o que ele não consegue fazer, além de verificar a capacidade de atenção e como é o relacionamento social com os outros estudantes.

De acordo com Romero (1995b) os objetivos da avaliação são diagnosticar as habilidades e aptidões das crianças, de seus conhecimentos e de seus níveis de execução, para a partir disso elaborar o planejamento educacional e os critérios de avaliação. O processo de avaliação deve observar:

- Os níveis de execução das tarefas escolares apresentados pelos alunos.
- O tipo de dificuldade e/ou problema de aprendizagem estabelecido.
- Planejamento do ensino, especificando objetivos, procedimentos, métodos, recursos, local.
- Fixação de critérios de acompanhamento e de flexibilização do processo de avaliação.

Desse modo é possível perceber a importância do planejamento das aulas principalmente dos alunos com baixo rendimento escolar, já que eles necessitam de uma prática educacional diferenciada com objetivos e finalidades bem definidos e não devem ser avaliados como os demais estudantes, é preciso avaliar a evolução do aluno, de que ponto ele partiu e até que ponto ele conseguiu chegar.

Segundo Jose e Coelho (1995) as ações dos docentes podem solucionar, minimizar ou agravar o problema. Existem algumas atitudes que devem ser evitadas como:

- Ressaltar as dificuldades do aluno, isso faz com que a criança se sinta inferior perante as outras.

- Corrigir o aluno com frequência diante da classe, fazendo com que ele se torne alvo de risos entre os colegas.

- Ignorar a criança que não consegue atingir os objetivos.

A demonstração de confiança do professor em relação a esses estudantes favorece a interação e o progresso educacional. Para as mesmas autoras citadas acima há várias atitudes que ajudam muito os alunos, como:

- Evitar que o estudante se sinta inferior pela sua dificuldade.
- Considerar o problema com tranquilidade e objetividade.
- Estimular as crianças a tentar se superar.
- Demonstrar que não se envergonha dele e valorizá-lo sempre que necessário.

Smith e Strick (2001) apontam três procedimentos que podem ser adotados pelos professores para auxiliar as crianças com baixo rendimento escolar:

- Intensificar a instrução para a preparação. O educador deve proporcionar ajuda adicional nas atividades que o aluno apresenta mais dificuldades. Isso não precisa necessariamente ser feita pelo mesmo docente, pode ser realizada por um auxiliar de sala, professor assistente ou outro docente.

- Tentar diferentes métodos e materiais. O professor pode ver se o estudante responde às atividades com o uso de materiais diferentes do que com aqueles que são utilizados rotineiramente.

- Reduzir a carga escolar. Se a criança parece sobrecarregada, o docente pode diminuir o ritmo das atividades e manter o foco sobre as habilidades mais importantes para cada ano/série.

Ao se planejar atividades é necessário favorecer além da aprendizagem a interação com os colegas e a estima que eles tem deles mesmos, para isso pode ser preciso em certos momentos o trabalho com alunos que tenham problemas similares para permitir uma melhor comunicação, segurança e satisfação por realizar tarefas com alguém do mesmo nível. Porém, isso não deve ser feito rotineiramente, é importante também o trabalho com grupos heterogêneos, pois segundo Scoz (1994, p. 101) “A homogeneidade do grupo impede que as

crianças convivam com diferentes níveis de conhecimento e que as mais fracas se beneficiem com o contato com as experientes ou mais capacitadas”.

No entanto é necessário que o docente, pelo menos a princípio faça a escolha dos membros que irão compor os grupos, pois as crianças que apresentam dificuldades e/ou problemas de aprendizagem não costumam ser aceitas com facilidade pelos colegas.

[...] as crianças com DA são pouco populares, rejeitadas e, até mesmo ignoradas por seus colegas, especialmente quando se trata de escolher com quem se deseja formar um grupo, para a realização de trabalhos em equipe, pois pensam que eles são mais agressivos, menos hábeis na realização de tarefas, incômodos na aula e que, constantemente, requerem a atenção do professor (ROMERO 1995b, p.73).

Apesar das dificuldades e resistências iniciais é importante que o educador persista com o trabalho com grupos heterogêneos ressaltando a turma que como seres humanos temos diferenças que devem ser respeitadas e o conhecimento que cada um traz consigo é relevante para enriquecer o trabalho e com a colaboração de cada aluno todos irão aprender. De acordo com Romero (1995b) o trabalho com grupos heterogêneos é o que traz mais benefícios aos alunos com dificuldades e/ ou problemas de aprendizagem tanto para o aprendizado quanto para o desenvolvimento psicossocial dos estudantes.

Mesmo que essas crianças sejam encaminhadas para especialistas e atendidas por eles, é necessário que o professor realize um trabalho individualizado com esses alunos independente de haver ou não um diagnóstico fechado. E para isso é necessário que o docente tenha apoio da coordenação e direção e também boas condições de trabalho.

Não se trata de que o professor perceba que o aluno com dificuldades não vai lhe criar problemas para manter a sua classe como sempre o fez. Trata-se pelo contrário, de que o professor avalie, de maneira positiva, uma forma diferente de entender a educação, mais diferenciada e adaptada a seus alunos, e que encontre os apoios, meios e instrumentos de formação para que sua prática profissional seja satisfatória (MARCHESI e MARTIN, 1995 p.21).

É fundamental que a escola busque no campo pedagógico a solução para as dificuldades e/ ou problemas de aprendizagem, mas isso não pode ficar centralizado na figura do professor, é preciso o envolvimento de toda a equipe escolar, cada um com as suas responsabilidades com o objetivo de proporcionar uma aprendizagem significativa para todos.

Atualmente existem muitos recursos tecnológicos que podem ser utilizados nas escolas, principalmente com os alunos que apresentam dificuldades e/ou problemas de

aprendizagem. Porém, para o uso de alguns desses recursos, é necessário o apoio e o empenho da direção da unidade de ensino para a obtenção dos equipamentos e disponibilidade dos mesmos para uso pelos docentes.

Os computadores possuem ferramentas que podem ser usadas para a comunicação, encontrar, organizar e armazenar informações e isso pode solucionar muitos problemas. De acordo com Smith e Strick (2001), programas de computador semelhantes a jogos podem tornar os exercícios de matemática ou de vocabulário muito mais atrativos, aumentando o tempo de dedicação do estudante à tarefa. É possível encontrar também programas tutoriais que ensinam vários conteúdos, nesses programas as crianças podem controlar a velocidade das informações, parar e repetir as lições a qualquer momento e quantas vezes achar necessário, esses recursos ajudam os alunos a adquirirem habilidades de solução de problemas como formação e teste de uma hipótese, planejamento, interpretação de orientações e uso de mapas.

As crianças que possuem dificuldades e/ou problemas de aprendizagem de leitura podem utilizar um recurso no computador que “lê” livros-textos e outros materiais impressos. Para as que apresentam dificuldades na escrita existem programas que são ativados pela voz e que permite a esses estudantes produzir seus próprios textos.

Segundo as autoras citadas acima, bons programas de processamento de textos oferecem as crianças com dificuldades e/ou problemas de aprendizagem várias vantagens, pois tornam mais fácil a manipulação de textos, facilitam o debate entre as ideias, planejamento de esboços e depois melhorias e correções. Existem ainda outros recursos tecnológicos que podem ser utilizados na instituição escolar e podem ser adquiridos com mais facilidade como calculadoras e gravadores.

O uso da calculadora melhora as atitudes em relação à matemática em todas as crianças, principalmente para aqueles que tem algum tipo de problema, permitindo que as crianças se concentrem mais no raciocínio na solução de problemas e conceitos matemáticos.

O gravador pode ser utilizado pelos estudantes para gravar palestras, anotações, para responderem algumas questões oralmente para ser entregue ao professor. E também pode ser usado como uma ferramenta de pré-escrita, os alunos gravam as suas idéias sobre determinado assunto, após isso transcrevem para o papel.

No entanto o uso desses recursos tecnológicos não substitui a prática pedagógica do professor, que deve avaliar se os materiais são adequados para as crianças, planejar as aulas incluindo o uso dessas ferramentas e acompanhar o desenvolvimento das atividades para verificar se estão atingindo os objetivos propostos.

Os melhores professores para crianças com dificuldades de aprendizagem [...] são aqueles que assumem um papel ativo na educação e passam uma boa parte de seu tempo envolvidos diretamente com os estudantes. Quando os alunos estão trabalhando independentemente, os bons professores podem ser vistos em movimento pela sala, monitorando o progresso individual, ajudando os alunos a permanecerem em uma tarefa, verificando se entenderam o que lhes foi pedido e oferecendo incentivo (SMITH e STRICK, 2001 p. 147).

Os docentes não devem passar uma atividade para sala e depois retirar para a sua escrivaninha para corrigir trabalhos, eles devem acompanhar como os estudantes estão desenvolvendo a tarefa, se estão tendo algum tipo de dificuldade, se precisam de ajuda, se a atividade está correspondendo as expectativas.

6 OS PASSOS DA PESQUISA

A pesquisa é uma atividade que busca esclarecer questionamentos referentes a realidade humana. Segundo Ludke e Andre (1986) para a realização de uma pesquisa é necessário confrontar os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento acumulado a respeito dele. E isso é feito a partir do estudo de um problema limitando a pesquisa a uma porção do saber.

O presente estudo optou por usar a metodologia de pesquisa qualitativa que de acordo com Bogdan e Biklen (1994), tem o ambiente natural como sua fonte de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, pois o contexto dos participantes tem relevância nos dados apontados pela pesquisa. Esse tipo de pesquisa supõe o contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, por meio do trabalho intensivo de campo. Envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva das pessoas pesquisadas. Ao analisar os dados busca-se fazê-lo com toda a sua riqueza, respeitando tanto quanto possível, a forma em que estes foram registrados.

A investigação qualitativa possui características que foram apresentadas acima, no entanto para que um estudo seja considerado qualitativo nem todos esses fatores precisam estar presentes.

Nem todos os estudos que consideraríamos qualitativos patenteiam estas características com igual eloquência. Alguns deles são, inclusive, totalmente desprovidos de uma ou mais características. A questão não é tanto a de se determinada investigação é ou não totalmente qualitativa; trata-se sim de uma questão de grau (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 47).

A pesquisa qualitativa em educação não pode estar isolada da realidade, é necessário aproximá-la do cotidiano escolar, já que a escola está situada em um contexto social formado por pessoas com diferentes visões de mundo, valores e costumes. Esse tipo de investigação incide sobre diversos aspectos da vida educativa.

Levando em consideração esses fatores, decidimos por utilizar o questionário como instrumento de coleta de dados, já que ele facilitaria a participação dos professores na pesquisa, pois poderiam respondê-lo com tranquilidade e rapidez, sem a presença de uma pessoa que eles desconhecem, no local de sua preferência e de acordo com a disponibilidade de horário de cada um.

É possível constatar que a escola não tem conseguido fazer com que todos os seus alunos tenham um aprendizado satisfatório, principalmente aqueles que apresentam dificuldades e/ou problemas de aprendizagem. Portanto, há a necessidade de verificar quais são as concepções que os professores possuem a respeito do assunto, se estudaram o tema tanto na formação inicial quanto na continuada e quais práticas e ações que costumam adotar em relação a esses discentes. E também se possuem condições adequadas para trabalhar satisfatoriamente e se tem algum tipo de apoio para isso.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública municipal da cidade de Bauru do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, localizada na periferia do município e para a obtenção dos dados definiu-se os seguintes passos:

1º PASSO: Solicitar autorização da Secretaria Municipal de Educação para a realização da coleta dos dados empíricos.

Neste momento foram entregues a Secretaria o projeto de pesquisa deste trabalho e um termo de consentimento, durante um mês eles foram analisados e após isso foi nos concedido a autorização para realizar a coleta dos dados em uma escola municipal.

2º PASSO: Solicitar autorização da direção da Unidade Escolar para a realização da pesquisa de campo.

Entramos em contato com a escola, a princípio com a assistente de direção e depois com a diretora que permitiu a realização da pesquisa. Foi também apresentada a direção da instituição uma carta de autorização da Secretaria para que a coleta fosse realizada em uma de suas unidades. Obtivemos a informação que a escola tem 27 professores ao todo em seu quadro de funcionários.

3º PASSO: Elaboração do questionário.

O instrumento de pesquisa foi elaborado com a finalidade de verificar o ano/série em que o professor leciona, quantos alunos possuem na turma, quanto tempo de experiência possuem, quais são suas concepções em relação a dificuldades e problemas de aprendizagem, tem ou já tiveram alunos com problemas e/ou dificuldades de aprendizagem, estudaram esse tema na formação inicial ou continuada, esses alunos tem algum tipo de diagnóstico, quais as ações e práticas adotadas com esses alunos, tem condições de trabalho adequadas e apoio para trabalhar com esses discentes.

O questionário possui algumas questões de múltipla escolha e outras discursivas. Junto ao instrumento de coleta de dados está o termo de consentimento em que não era necessária a identificação dos docentes (Vide apêndice A).

4º PASSO: Aplicação do questionário.

Nesta etapa foram entregues 30 questionários e combinado o prazo para devolução dos mesmos. Na data estabelecida poucos questionários haviam sido devolvidos, então estabelecemos um novo prazo para entrega. Após isso obtivemos a devolução de apenas 14 questionários.

5º PASSO: Análise dos dados coletados.

Nesse momento da pesquisa serão confrontadas as informações fornecidas pelos professores com a teoria estudada.

6.1 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Para a análise e interpretação dos dados, todos os questionários foram numerados, mantendo-se o anonimato das pessoas que participaram da pesquisa, cada um recebeu uma identificação do P1 ao P14 para que suas respostas pudessem ser analisadas. Informamos que o P7 é professor de artes, portanto leciona em turmas do 1º ao 5º ano.

QUADRO 1 – Descrição dos Dados Gerais dos Professores

| CATEGORIA/ PROFESSOR | P1 | P2 | P3 | P4 | P5 | P6 | P7 | P8 | P9 | P10 | P11 | P12 | P13 | P14 |
|-------------------------|----|----|----|----|----|----|--------|----|----|-----|-----|-----|-----|-----|
| ANO/SERIE | 3 | 3 | 3 | 4 | 5 | 3 | 1 ao 5 | 3 | 2 | 4 | 3 | 5 | 2 | 5 |
| Nº DE ALUNOS | 33 | 26 | 34 | 33 | 35 | 34 | 250 | 33 | 23 | 33 | 33 | 35 | 24 | 34 |
| ANOS DE MAGISTÉRIO | 08 | 25 | 10 | 02 | 12 | 03 | 27 | 18 | 01 | 04 | 05 | 12 | 01 | 05 |

Fonte: Arquivo da pesquisadora

Para a elaboração deste quadro foram utilizadas as respostas das três primeiras perguntas do questionário, com as quais pode-se perceber que 6 professores lecionam para 3º ano (2ª série), 3 professores lecionam para o 5º ano (4ª série), 2 professores lecionam para o 4º ano (3ª série) e 2 professores lecionam para o 2º ano (1ª série). O professor de Artes que está identificado como P7 leciona do 1º ao 5º ano.

A maioria das classes são formadas por mais de 30 alunos, com exceção do 2º ano que possuem menos de 30 estudantes, essa quantidade de crianças em uma sala de aula acaba dificultando o trabalho do professor principalmente com aqueles que apresentam dificuldades e/ou problemas de aprendizagem, já que os educadores tem que atender as solicitações de todos e dar conta do conteúdo.

A superlotação das classes também leva as professoras a adotarem mecanismos que diminuem ainda mais o contato com os alunos: generalização dos conhecimentos, condução apressada e superficial das atividades, correção coletiva e impessoal das tarefas (SCOZ, 1994, p.135).

Ainda com relação à quantidade de alunos a exceção apontada no quadro são as turmas de 2º ano que possuem menos de 30 alunos e que estão em processo de alfabetização, porém são as classes em que os professores são mais inexperientes, pois tem apenas 01 ano de magistério. Isso ocorre com bastante frequência nas escolas, os docentes mais experientes ficam com as salas em que as crianças são mais independentes e solicitam menos o professor e aos educadores iniciantes restam as turmas de alfabetização.

Nas escolas os sistemas de distribuição das turmas contribuem para que os professores iniciantes fiquem com as salas mais difíceis. Scoz (1994, p.41) afirma que “Embora o entusiasmo seja louvável, ele não elimina as lacunas geradas pela inexperiência ou desinformação, que parecem não ser computadas no momento da distribuição das aulas [...]”.

Nesses casos é ainda mais importante a atuação da coordenação pedagógica e da direção da unidade escolar junto a esses professores, os orientando em suas dificuldades para que possam desenvolver um bom trabalho.

É importante também que a Secretaria de Educação avalie com mais atenção a questão das distribuições de aula promovendo alterações no sistema para que as classes de alfabetização fiquem com docentes mais experientes, pois com todas as atribuições que a coordenação pedagógica tem, nem sempre é possível acompanhar regularmente a atuação do professor iniciante nas salas em que as crianças são menores e exigem mais do educador.

Isso não significa que com um professor experiente não seja mais necessário o acompanhamento da coordenação pedagógica, as discussões e reflexões entre os professores e o coordenador é sempre enriquecedor para a prática docente.

O quadro a seguir traz as definições que os docentes citaram para problemas e dificuldades de aprendizagem.

QUADRO 2 – Definições dos docentes

| Professor/ Definição | Dificuldades de Aprendizagem | Problemas de Aprendizagem |
|---------------------------------|---|--|
| P1 | Falta de capacidade ou de possibilidade. Muitas vezes os alunos tem uma dificuldade de ensino – aprendizagem porque falta o estímulo e incentivo dos familiares e por conta desta realidade ocasiona a dificuldade de aprendizagem. | Fato ou assunto que mereça discussão ou intervenção, o aluno possui “algo” que impossibilita a sua aprendizagem. |
| P2 | Dificuldade que a criança possui em aprender os conceitos das aulas, muitas vezes essa dificuldade pode conduzir o aluno ao fracasso escolar. | São vários os problemas de aprendizagem e muitas vezes difíceis de serem diagnosticadas, nestes casos é sempre importante procurar um psicólogo qualificado. |
| P3 | Dificuldade do aluno de aprender os conteúdos propostos. | _____ |
| P4 | É a dificuldade de assimilação do que foi aprendido e desenvolvido. | É a apresentação de falta de atenção, concentração e acompanhamento geral. |
| P5 | Algo que impeça, impossibilite a aprendizagem. | Uma aprendizagem mais difícil que requer estratégias diferentes. |
| P6 | Acredito que seja aquele aluno que tem dificuldade, mas aprende. | Já aquele que tem um “problema”, questão fisiológica. |
| P7 | Quando o emocional ou mental atrapalha o entendimento. | Não desenvolve a atividade plenamente. |
| P8 | Quando um problema emocional ou mental dificulta a aprendizagem ou assimilação de algo. | Não consegue desenvolver uma ação ou atitude. |
| P9 | É quando o fator emocional ou mental interfere na aprendizagem. | Quando já está diagnosticado por profissionais competentes uma dificuldade acentuada na aprendizagem. |
| P10 | Leitura, escrita e interpretação. | Afetivo |
| P11 | É quando o aluno possui alguma limitação que atrapalha o processo de aprendizagem, podendo ser de origem psicológica, cognitiva, física, social, familiar. | Quando existe alguma defasagem que atrapalha o rendimento, dificuldade que pode ser sanada por meio de revisão de conteúdos, metodologias diferenciadas. |
| P12 | Problemas familiares, falta de atenção e concentração, indisciplina. | Dislexia, hiperatividade, problemas neurológicos (outros). |
| P13 | É quando um aluno por algum motivo não consegue se concentrar nas aulas para poder aprender. | É quando o aluno tem algum problema já detectado e sabe-se que seu aprendizado será prejudicado, mas tem que ser feito mesmo assim. |
| P14 | São certos entraves internos e/ou externos que impedem o desenvolvimento pleno do aluno. | Problemas orgânicos que influenciam na aprendizagem. |

Fonte: Arquivo da pesquisadora

Percebe-se que eles não têm uma concepção clara sobre o assunto, pois a literatura a respeito é escassa e os cursos de formação trabalham pouco ou não trabalham com o tema. Isso prejudica a prática pedagógica com esses alunos em sala de aula, já que sem uma definição clara do que são problemas e dificuldades de aprendizagem fica difícil estabelecer qual a melhor prática pedagógica a ser seguida.

Para Scoz (1994, p. 19) “Não é fácil encontrar uma definição clara e abrangente para designar problema de aprendizagem.” E essa mesma fala pode ser atribuída para dificuldades de aprendizagem.

No relato dos docentes constata-se que as causas das dificuldades e problemas de aprendizagem são atribuídas às várias causas como problemas orgânicos, fisiológicos, psicológicos, ambientais como pode se verificar na definição apresentada pelo P11 referente à dificuldade de aprendizagem “É quando o aluno possui alguma limitação que atrapalha o processo de aprendizagem, podendo ser de origem psicológica, cognitiva, física, social, familiar.” E a do P14 “São certos entraves internos e/ou externos que impedem o desenvolvimento pleno do aluno.”

As responsabilidades recaem principalmente sobre a família e a criança, como pode ser percebido na afirmação do P1 sobre dificuldades de aprendizagem “Falta de capacidade ou de possibilidade. Muitas vezes os alunos tem uma dificuldade de ensino – aprendizagem porque falta o estímulo e incentivo dos familiares e por conta desta realidade ocasiona a dificuldade de aprendizagem.”

Outro fator que aparece no discurso dos professores é o diagnóstico, apontado como necessário para a identificação dos problemas de aprendizagens como cita o P2 “São vários os problemas de aprendizagem e muitas vezes difíceis de serem diagnosticadas, nestes casos é sempre importante procurar um psicólogo qualificado.” O P9 também relata essa mesma necessidade “Quando já está diagnosticado por profissionais competentes uma dificuldade acentuada na aprendizagem.”

Outro dado que foi obtido por meio do questionário é que 57% dos docentes indicaram que os alunos que apresentam dificuldades e/ou problemas de aprendizagem não possuem diagnóstico fechado. Isso é devido a dificuldade em determinar a causa dos problemas e/ou dificuldades de aprendizagem, já que no processo de ensino aprendizagem estão envolvidos inúmeros fatores.

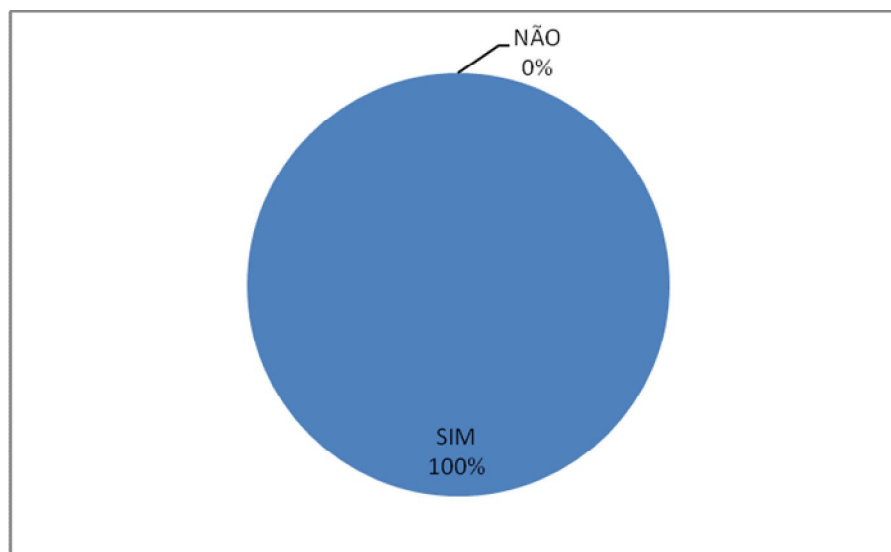
Como afirma Smith e Strick (2001, p. 21) “Uma vez que não existem testes neurológicos definitivos para dificuldades de aprendizagem, a determinação da causa de

problemas desse tipo em determinado aluno ainda é amplamente, uma questão de trabalho de “adivinhação” informada.”

Alguns educadores relataram a importância da prática pedagógica para o aprendizado desses estudantes, como relata o P11 na definição sobre problemas de aprendizagem “Quando existe alguma defasagem que atrapalha o rendimento, dificuldade que pode ser sanada por meio de revisão de conteúdos, metodologias diferenciadas.”

Apesar de não terem uma clareza da definição de dificuldades e/ou problemas de aprendizagem e nem todos os estudantes possuírem um diagnóstico fechado 100% dos docentes afirmaram ter ou já ter tido em sala de aula alunos com problemas e/ou dificuldades de aprendizagem

GRAFICO 1 – Tem ou tiveram alunos com dificuldades e/ou problemas de aprendizagem



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

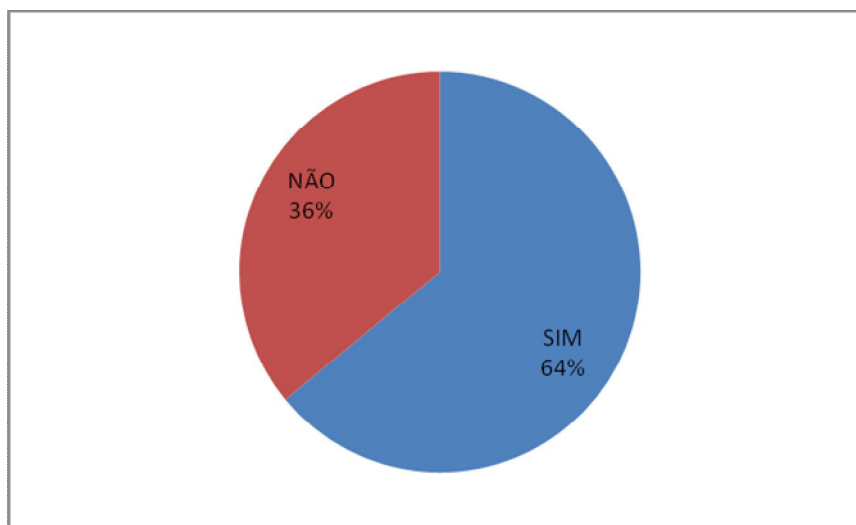
Isso pode ocorrer, pois quando um aluno não desenvolve uma atividade satisfatoriamente, apresenta baixo rendimento escolar em uma ou mais disciplinas logo lhe é atribuído algum tipo de problema, sem ao menos tentar ensiná-lo de outro modo. Como relatam Smith e Strick (2001, p. 34) “Quando crianças que não se ajustam ao molde não avançam, as autoridades da escola ocasionalmente consideram mais fácil culpar os alunos, ao invés de examinarem suas próprias deficiências.”

A formação inicial é muito importante para o futuro professor, já que deve garantir os subsídios necessários para uma boa atuação em sala de aula. No entanto a duração dos cursos

não são suficientes para abordar todos os assuntos inerentes a prática pedagógica e alguns temas relevantes acabam sendo deixados de lado na preparação do educador.

Temas como esses quando chegam a ser abordados são feitas de forma muito superficial, o que não prepara devidamente os docentes para trabalhar com alunos com problemas no aprendizado e as consequências que decorrem do baixo rendimento escolar como a baixa estima das crianças, agressividade, cobranças dos pais e da escola.

GRAFICO 2 – O tema foi abordado na formação inicial



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Por meio deste gráfico percebe-se que 64% dos docentes estudaram algum conteúdo sobre o tema, enquanto 36% deles não estudaram o assunto nos cursos de formação. Apesar das dificuldades e/ou problemas de aprendizagem estarem presentes no cotidiano escolar pois todos os educadores afirmaram ter lecionado para esse tipo de aluno, essa temática é pouco tratada na formação inicial e existe pouco material sobre o assunto principalmente no campo pedagógico.

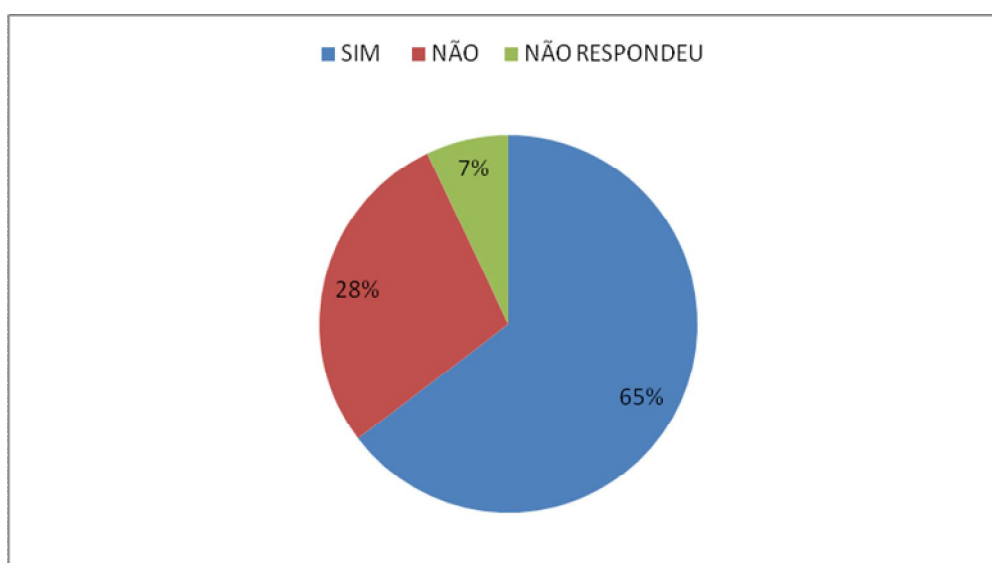
Com a constatação desse problema é preciso se pensar a formação de professores:

Uma formação que deve centrar-se em “saber como” trabalhar em aula e que inclua, portanto, a aprendizagem de todas as habilidades e estratégias para planejar convenientemente o trabalho em aula: programações específicas, adaptações curriculares, metodologia, organização da classe, avaliação, técnicas de trabalho em grupo, diferentes estratégias de intervenção em função dos problemas de aprendizagem dos alunos, etc. (MARCHESI e MARTIN, 1995, p.21).

Portanto, é preciso melhorar os cursos de formação para que os futuros docentes tenham o conhecimento necessário para trabalhar com esse tipo de aluno em sala de aula.

Assim como a formação inicial é importante a formação continuada também é, e deve ser encarada pela Secretaria Municipal de Educação, direção escolar e coordenação pedagógica como algo fundamental para o bom desempenho do professor, garantindo desse modo o sucesso escolar dos alunos. Esse tipo de formação é necessária para que os professores esclareçam dúvidas, aprendam novos conceitos e aprimorem a prática docente.

GRAFICO 3 – O tema foi trabalhado na formação continuada



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Dos professores que participaram da pesquisa 65% afirmaram que já discutiram dificuldades e/ ou problemas de aprendizagem na formação continuada, 28% declararam não ter trabalhado e 7% não responderam a questão. Apesar da dificuldade no aprendizado de muitas crianças ser um fato que aparece com frequência nas escolas, percebe-se que esse assunto não é visto com a importância que deveria pelos responsáveis por garantir a formação continuada dos docentes. Isso pode ser devido a pouca literatura existente e a dificuldade de se encontrar profissionais devidamente capacitados para discutir com os professores esse tema.

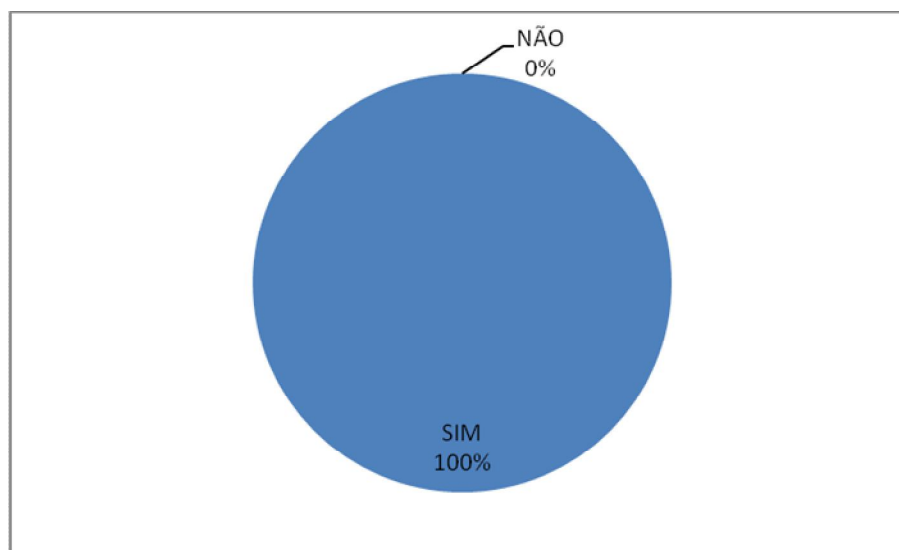
A falta de conhecimentos teóricos consistentes pode ser um dos fatores que levam os professores a encontrarem dificuldades para elaborar estratégias de ensino adequadas para os alunos e é esse conhecimento que a formação continuada deve garantir, o que nem sempre

acontece. Normalmente nos cursos de capacitação dos profissionais da educação são apresentados aos docentes apenas fragmentos das teorias.

Os programas de ensino, sobretudo os da Rede Pública, restringiram-se durante muito tempo apenas em oferecer “receitas” para os professores, transformando-os em meros reprodutores de atividades elaboradas por outros, destituindo-os do seu saber, reforçando a dicotomia entre o fazer e o pensar. Trata-se, então, de repensar as diretrizes dos órgãos centrais da administração, para que permitam o acesso a conhecimentos teóricos e ofereçam oportunidades de reflexão sobre a prática (SCOZ, 1994, p.122).

Ainda tratando da formação dos docentes, eles foram questionados se consideram relevante estudar sobre dificuldades e problemas de aprendizagem tanto no curso de graduação quanto nos cursos de capacitação e aperfeiçoamento.

GRÁFICO 4 – Considera importante trabalhar o tema na formação continuada e inicial



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Todos os educadores afirmaram ser importante discutir o tema tanto na formação continuada e inicial. Por isso, é essencial garantir um espaço para que os docentes possam adquirir conhecimento sobre o assunto, pois eles trabalham com esses alunos diariamente. Scoz (1994, p. 114) relata que “[...] a inquietação do professor com o próprio desconhecimento e seu desejo de receber auxílio para esclarecer as suas dúvidas devem ser valorizados e aproveitados [...]”. Os docentes também tem que se conscientizar que eles podem exigir da Secretaria Municipal de Educação que ela promova a formação que eles necessitam em sala de aula. E a Secretaria tem que ficar mais atenta a real necessidade que as escolas

possuem para poder dar os subsídios necessárias para que os profissionais da educação realizem um bom trabalho.

Seja qual for a causa dos problemas e/ou dificuldades de aprendizagem, a atuação docente com esse tipo de aluno é muito importante para que eles se desenvolvam e façam progressos satisfatórios na escola. Fonseca (1987, p.97) “Os professores terão de aceitar que não há métodos bons e métodos maus. Há sim, métodos que servem para umas crianças e não para outras. Não é porque uma criança não aprende por um método que se tem de concluir que ela não aprenderá.” Ou seja, não é porque o aluno não conseguiu atingir os objetivos que ele não aprenderá com uma metodologia diferenciada.

QUADRO 3 - Quando você tem um aluno que apresenta problemas e/ou dificuldades de aprendizagem o que você faz?

| | P1 | P2 | P3 | P4 | P5 | P6 | P7 | P8 | P9 | P10 | P11 | P12 | P13 | P14 |
|--|----|----|----|----|----|----|----|----|----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Chama os pais para uma conversa | | X | | X | X | X | | | X | | X | X | | |
| Comunica a coordenação pedagógica e a direção da unidade escolar | | X | X | | X | X | X | X | X | X | X | X | X | |
| Encaminha o aluno para o serviço de educação especial | | X | X | | | X | X | X | X | | X | X | | |
| Encaminha o aluno para o reforço escolar | | X | | X | X | X | | | | X | X | X | | |
| Procura mudar sua prática pedagógica | X | X | X | | X | X | X | X | | | X | X | X | X |

Fonte: Arquivo da pesquisadora

Entre as atitudes apontadas pelos docentes as mais utilizadas são comunicar a coordenação pedagógica e a direção da unidade escolar e procurar mudar a prática pedagógica, ambas com 78,6% das ações que eles costumam adotar em relação aos alunos com dificuldades e/ou problemas de aprendizagem. Em seguida aparece com 57% das ações que os docentes normalmente usam é encaminhar o aluno para o serviço de educação especial.

As atitudes menos indicadas pelos educadores são chamar os pais para uma conversa e encaminhar para o reforço escolar com 50% das ações que eles utilizam. Isso pode ser atribuído ao fato de que muitos pais não participam da vida escolar, em muitos casos eles não se sentem como membros da comunidade escolar, já que várias vezes a escola não proporciona uma participação efetiva das pessoas, limitando a participação a reunião de pais e mestres.

Muitos discentes por causa do insucesso escolar sofrem com piadas e chacotas dos colegas, nesses momentos é fundamental a intervenção do professor para que esses estudantes

não desistam de aprender os conteúdos e ter um bom relacionamento com as outras crianças.

É necessário também que o professor conscientize-se o restante da turma de que cada um tem um ritmo e forma diferentes de aprender e que todos tem capacidade para se desenvolver e atingir os objetivos escolares. Scoz (1194, p. 85) “[...] a atuação dos profissionais junto a essas crianças deve ser a de afastar os rótulos e procurar entender os determinantes envolvidos, equacionar o problema e identificar formas de ajuda.” O trabalho docente não pode ficar restrito aos conteúdos escolares, garantir um bom relacionamento interpessoal entre os alunos também faz parte da prática pedagógica.

QUADRO 4 – Atitude perante alunos que estão sendo rotulados por causa do fracasso escolar

| | P1 | P2 | P3 | P4 | P5 | P6 | P7 | P8 | P9 | P10 | P11 | P12 | P13 | P14 |
|--|----|----|----|----|----|----|----|----|----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Conversa com todos os seus alunos | | X | X | | X | X | X | X | X | X | X | X | | X |
| Comunica a coordenação pedagógica e a direção da unidade escolar | | X | X | X | X | | X | X | | | | X | X | |
| Conversa com os pais do aluno rotulado | | | X | | X | | | | | | | | | |
| Procura fazer com que esse aluno participe mais das aulas | X | X | X | X | | | X | X | X | X | X | X | X | |

Fonte: Arquivo da pesquisadora

Diante das situações de rotulação que os alunos que fracassam no aprendizado enfrentam, as atitudes que os professores mais adotam é conversar com todos os estudantes e procurar fazer com que esses alunos participem mais das aulas. Essas duas opções foram indicadas por 78,6% dos docentes. Esse tipo de atitude é importante para que os discentes compreendam que todos tem capacidade de aprender, que cada um tem seu ritmo e todos trazem contribuições para as atividades desenvolvidas em sala de aula.

Outra atitude que é bastante praticada pelos professores e que foi apontada por 57% dos profissionais da educação é comunicar a coordenação pedagógica e a direção da unidade escolar. Normalmente quando os docentes adotam esse tipo de ação eles esperam que a

direção resolva o problema, em alguns casos punindo de alguma forma os alunos que zombam, criticam o colega pelo seu não aprendizado.

A prática menos adotada pelos educadores, foi indicada por 14% deles é a de chamar os pais do aluno rotulado para uma conversa, já que esses pais não costumam ir muito a escola, pois quase sempre são responsabilizados pela escola pelo fracasso escolar dos filhos.

Para um trabalho docente adequado, vários fatores estão envolvidos entre eles as condições de trabalho dos professores, quais condições eles possuem para ensinar alunos com dificuldades e/ou problemas de aprendizagem.

QUADRO 5 – Condições de trabalho adequadas para ensinar alunos com problemas e/ou dificuldades de aprendizagem

| | P1 | P2 | P3 | P4 | P5 | P6 | P7 | P8 | P9 | P10 | P11 | P12 | P13 | P14 |
|--|----|----|----|----|----|----|----|----|----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Recursos materiais adequados | X | | | | | | X | X | | | | X | | |
| Horário disponível para o trabalho individualizado | | | | | | | X | X | | | | X | | |
| Espaço físico para os atendimentos individuais | | X | | | | | X | X | | | | X | | |
| Apoio de algum profissional especializado | | X | | | | X | X | X | X | X | X | X | X | |
| Apoio da Coordenação e Direção da unidade escolar | | X | | X | X | X | X | X | | | X | X | X | |

Fonte: Arquivo da pesquisadora

Um fator importante para o trabalho satisfatório com alunos que apresentam dificuldades e/ou problemas de aprendizagem são as condições de trabalho do professor, 64% dos professores destacaram que possuem apoio de algum profissional especializado e apoio da coordenação e direção da unidade escolar.

Outro dois aspectos apontados por 28,6% dos docentes é que eles possuem recursos materiais adequados para manter uma prática pedagógica adequada com as crianças e espaço físico para os atendimentos individuais.

O que os professores julgam ter menos, pois foi apontado por apenas 21,42% dos educadores é o horário disponível para o trabalho individualizado. Isso deve-se ao fato da maioria dos professores terem a sua carga horária de trabalho destinada apenas a atuação em sala de aula que muitas vezes tem muitos alunos o que impossibilita o atendimento individualizado.

Por meio dos dados obtidos é possível perceber que a maioria dos professores não possuem boas condições de trabalho, já que as alternativas menos assinaladas foram a recursos materiais adequados, horário disponível e espaço físico para atendimentos individualizados, o que prejudica o aprendizado das crianças com dificuldades e/ou problemas de aprendizagem. Segundo Smith e Strick (2001, p.33) “É óbvio que salas de aulas abarrotadas, professores sobrecarregados ou pouco treinados e suprimentos inadequados de bons materiais didáticos comprometem a capacidade dos alunos de aprender.” As condições de trabalho dos docentes devem ser repensadas pela direção da escola e pela Secretaria de Educação, pois esses fatores podem estar impedindo ou limitando um aprendizado satisfatório de muitas crianças.

O trabalho pedagógico com estudantes que possuem dificuldades e/ou problemas de aprendizagem, não pode ser feito apenas com o professor. É necessário o empenho e colaboração tanto da coordenação pedagógica quanto da direção escolar, na busca de estratégias educacionais, elaboração de planejamento das aulas, definição dos objetivos a serem atingidos, obtenção de recursos e materiais didáticos.

Esta questão traz à tona a importância do coordenador pedagógico como sistematizador das diversas áreas do conhecimento, seja como articulador desses conhecimentos frente aos problemas concretos vividos pelas professoras no seu cotidiano, seja como mediador, junto a elas, dos pressupostos teóricos e das diretrizes práticas (SCOZ, 1994, p. 89).

Portanto, a coordenação pedagógica e a direção escolar não podem ficar submersas em questões burocráticas e se esquecer do pedagógico, pois também é de responsabilidade delas o bom desempenho de todos os alunos da unidade escolar.

QUADRO 6 – Tem apoio da coordenação pedagógica ou direção para trabalhar com esses alunos? Considera esse tipo de apoio importante para a sua prática pedagógica?

| | |
|------------|--|
| P1 | Sim, o apoio é importantíssimo pois o trabalho do professor deve ou deveria ser acompanhado pela coordenação ou direção, pois o trabalho que realizamos em sala de aula, muitas vezes necessita de outros apoios que não dependem do professor mas de demais profissionais. |
| P2 | Sim, tenho apoio da coordenação e direção e o considero muito importante, pois esse apoio se torna necessário para que juntos possamos buscar orientações e ajuda de um profissional especializado. |
| P3 | Muito importante. |
| P4 | Sim. Considero esse apoio importante, pois precisamos de orientações especializadas sobre esse assunto. |
| P5 | Na escola que leciono encontro apoio, orientação para lidar com tais problemas em sala de aula e tal conduta é importantíssima e quem mais lucra com isto é o aluno. |
| P6 | Sim, dentro do possível. Acredito que seria necessário um profissional especializado, como não temos esse apoio da direção chega a ser “as vezes” uma luz no fim do túnel. P.S. o profissional especializado que cito aqui seria um psicólogo, porque pedagogo já temos. |
| P7 | Temos apoio da coordenação e direção mas ainda é preciso o apoio de profissional especializado pois as dificuldades são diversas. |
| P8 | Sim tenho apoio, mas ainda não é o suficiente precisaria de mais orientação de uma equipe especializada para que se possa ter um direcionamento mais específico. |
| P9 | O apoio é importante pois o trabalho em conjunto facilita a prática. |
| P10 | Sim. Pois o trabalho em equipe ajuda o aluno em seu aprendizado. |
| P11 | Sim, considero muito importante pois com auxílio do coordenador, direção e professor de Ed. Especial conseguimos que a família encaminhe o aluno para fazer diagnóstico médico, psicológico, atendimento psicossocial, encaminhamento para conselho tutelar, buscando apoio no trabalho pedagógico e ciência da família sobre o problema do aluno. |
| P12 | Sim, é muito importante pois sem esse apoio é impossível realizar um bom trabalho. |
| P13 | Não temos muito tempo para trabalhar individualmente aquele aluno, o que consigo fazer é trazer algumas atividades adaptadas mas mesmo assim fica difícil suprir suas necessidades diárias, mas a direção e coordenação da escola ajudam como podem, encaminhando a profissionais especializados e etc. |
| P14 | _____ |

Fonte: Arquivo da pesquisadora

Todos os professores declararam que é importante o apoio da coordenação pedagógica e da direção para trabalhar com alunos que apresentam dificuldades e/ou problemas de

aprendizagem. No entanto alguns docentes consideram como apoio a prática pedagógica apenas o encaminhamento desses alunos a outros profissionais para diagnóstico do problema como é possível verificar na fala do P6: “Sim, dentro do possível. Acredito que seria necessário um profissional especializado, como não temos esse apoio da direção chega a ser “as vezes” uma luz no fim do túnel. P.S. o profissional especializado que cito aqui seria um psicólogo, porque pedagogo já temos.” E do P11: “Sim, considero muito importante pois com auxílio do coordenador, direção e professor de Ed. Especial conseguimos que a família encaminhe o aluno para fazer diagnóstico médico, psicológico, atendimento psicossocial, encaminhamento para conselho tutelar, buscando apoio no trabalho pedagógico e ciência da família sobre o problema do aluno.”

Mas para outros docentes a coordenação pedagógica e a direção tem a função de auxiliá-los como explicita o P5: “Na escola que leciono encontro apoio, orientação para lidar com tais problemas em sala de aula e tal conduta é importantíssima e quem mais lucra com isto é o aluno.” E o P12: “Sim, é muito importante pois sem esse apoio é impossível realizar um bom trabalho.”

É importante ressaltar a importância do envolvimento da coordenação pedagógica e da direção da unidade escolar no processo de ensino aprendizagem, já que a troca de experiências, os cursos de capacitação, incentivo ao uso de recursos tecnológicos nas aulas, tem uma contribuição significativa para a elaboração de metodologias de ensino e práticas pedagógicas diferenciadas para que os estudantes com dificuldades e/ou problemas de aprendizagem também consigam aprender e avançar nos estudos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fracasso escolar atinge várias crianças no sistema educacional brasileiro e a esses alunos em alguns casos são atribuídos dificuldades e/ ou problemas de aprendizagem. Mas o que percebemos, por meio deste trabalho, é que não existe uma definição clara do que realmente seja dificuldade de aprendizagem e problema de aprendizagem, nem para os professores, nem para os autores que escrevem sobre o assunto, já que utilizam muitas vezes os dois conceitos são usados como sinônimos, fato este que constatamos durante a leitura das obras e da realização da pesquisa.

Dificuldades e problemas de aprendizagem é um tema ainda pouco estudado e com uma literatura a respeito escassa, o que contribui com a confusão entre os termos. Outro fato que percebemos é que a pouca literatura existente, raramente é escrita por pedagogos e sim por psicólogos e outros profissionais da área da saúde. A partir disso nos questionamos o motivo que está levando os educadores a não pesquisarem sobre este assunto, não estarem competindo por este espaço e permitindo que profissionais de outras áreas que não a educacional pesquise sobre o assunto.

Isso pode estar relacionado ao fato dos professores, coordenadores pedagógicos e diretores atribuírem às dificuldades e/ou problemas de aprendizagem a causas não relacionadas à escola como doenças físicas, problemas psicológicos e familiares entre outros. Porém, como pudemos verificar um ambiente educacional inadequado pode causar ou até mesmo agravar os problemas no aprendizado.

Por tanto, mesmo que seja diagnosticado que a criança possui algum problema orgânico ou psicológico, é dever da escola buscar estratégias educacionais diferenciadas para que esses tenham um aprendizado satisfatório. Por esse motivo, as dificuldades e problemas de aprendizagem, estão inteiramente ligados a instituição escolar.

Para que a escola consiga ensinar com sucesso os estudantes com baixo rendimento escolar é necessário que todos os profissionais da escola e a comunidade escolar estejam envolvidos com o processo de ensino e aprendizagem. As crianças, seus pais ou responsáveis precisam se sentir parte da escola, membros importantes que trazem contribuições para o processo de ensino aprendizagem e não apenas serem cobrados e responsabilizados quando algo não sai como deveria.

A coordenação e direção precisam proporcionar momentos de reflexão e estudo para que os docentes possam sanar suas dúvidas, adquirir novos conhecimentos e trocar

experiências para que isso se reflita na melhoria da qualidade de ensino. Além de buscar junto aos professores metodologias diferentes que possam ser usadas com discentes que não estão aprendendo, obter materiais didáticos adequados e espaços para que os docentes possam realizar um trabalho individualizado com esses alunos.

Os professores precisam repensar a sua prática, buscar outras alternativas de ensino, procurar recursos tecnológicos que possam auxiliar a prática docente, avaliar esses estudantes com o intuito de elaborar um planejamento adequado a eles, acompanhar o desenvolvimento das atividades para que desse modo eles consigam avançar nos estudos.

Enfim o fracasso escolar não pode ser discutido, pensado, levando-se em conta apenas fatores individuais ou buscando um culpado para lhe atribuir responsabilidades. O fracasso escolar precisa ser compreendido de maneira coletiva, já que o desenvolvimento e aprendizado de um indivíduo não são marcados apenas por fatores orgânicos e ambientais isoladamente. As crianças quando ingressam na escola já trazem consigo valores, concepções, experiências que vivenciaram em outros ambientes e isso não é deixado de lado no momento do aprendizado escolar.

A instituição de ensino tem um papel importante no aprendizado dos alunos que apresentam dificuldades e problemas de aprendizagem, portanto precisa assumir a sua parcela de responsabilidade com esses estudantes e com a colaboração de todos da equipe escolar procurar as melhores alternativas para ensinar adequadamente essas crianças.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução a teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto, 1994.

BOCK, A.M.B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M.L.T.; **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Introdução (primeira a quarta séries)**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COLLARES, C.A.L.; MOYSES, M. A. **Preconceitos no cotidiano escolar- ensino e medicalização**. São Paulo: Cortez, 1996.

DAVIS, C. ; OLIVEIRA, Z. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Cortez, 1994

FONSECA, V. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Rio de Janeiro: Icoibe, 1987.

FREIRE, P. **Política e educação: ensaios**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JOSE, E.A. ; COELHO, M. T. **Problemas de Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1995.

MARCHESI, A; MARTIN, E. Da terminologia do distúrbio às necessidades educacionais especiais. In: COLL, C; PALACIOS, J; MARCHESI, A. (Orgs.) **Desenvolvimento psicológico e educação necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 1995. (p. 9-21).

LUDKE, M., ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino)

MARTÍN, E; MARCHESI, A. Desenvolvimento metacognitivo e problemas de aprendizagem. In: COLL, C; PALACIOS, J; MARCHESI, A. (Orgs.) **Desenvolvimento psicológico e educação necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 1995. (p. 24-35).

MEDEIROS. L. **A criança da favela e sua visão de mundo: uma contribuição para o repensar da escola**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986

MEIRA, M. E. M. . **Desenvolvimento e aprendizagem: reflexões sobre suas relações e implicações para a prática docente**. Ciência e Educação (UNESP), Bauru, SP, v. 5, p. 61-70, 1998.

PATTO, M. H. S. **A criança da escola pública: deficiente, diferente ou mal-trabalhada?** Coord Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria dos Negócios da Educação do Estado de São Paulo, São Paulo, 1985.

_____. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1996.

ROMERO, F.C. Os atrasos maturativos e as dificuldades na aprendizagem. In: COLL, C; PALACIOS, J; MARCHESI, A. (Orgs.) **Desenvolvimento psicológico e educação necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 1995a. (p.57-70).

_____. As relações sociais das crianças com dificuldades de aprendizagem. In: COLL, C; PALACIOS, J; MARCHESI, A. (Org.) **Desenvolvimento psicológico e educação necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 1995b. (p.71-99).

SABINI, M.A.C. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Ática, 2003.

SCOZ, B. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. Petropolis, RJ: Vozes, 1994.

SMITH, C; STRICK, L. **Dificuldades de Aprendizagem de A a Z: Um guia completo para pais e educadores**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

APÊNDICE A**Bauru, ___ de _____ de 2010.**

Sr. Professor,

Conforme autorizado pela direção do Departamento Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Bauru – SP, venho por meio deste solicitar a sua contribuição para coleta de dados da pesquisa intitulada “**Dificuldades e/ou Problemas de Aprendizagem: Concepções e Práticas Docentes**”, a qual pretende analisar as concepções e práticas dos professores em relação a esses alunos e depois propor ações que visem aprimorar o atendimento educacional prestado pela rede municipal de educação.

A referida pesquisa está sendo conduzida por **LUCIANA CORDEIRO GARCIA**, sob a orientação da Profa. Dra. **THAÍS CRISTINA RODRIGUES TEZANI**, docente do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista, Campus de Bauru.

Qualquer dúvida ou esclarecimento com relação à referida pesquisa, favor entrar em contato via e-mail: **lucianac.garcia@gmail.com**

Sem mais, agradeço.

Luciana Cordeiro Garcia

1. Série em que leciona:

2. Número de alunos:

3. Há quantos anos você
leciona? _____

4. Defina:

a) Dificuldade de aprendizagem

b) Problema de aprendizagem

5. Tem ou teve alunos com dificuldades e/ou problemas de aprendizagem? () SIM () NÃO
6. Em sua formação inicial esse tema foi abordado? () SIM () NÃO
7. Em sua formação continuada esse tema foi abordado? () SIM () NÃO
8. Você considera importante trabalhar com dificuldades e/ ou problemas de aprendizagem tanto na formação inicial como na continuada? () SIM () NÃO
9. Como é feito o diagnóstico? Professor, Médico, Psicólogo?
- () Professor
 - () Médico
 - () Psicólogo
 - () Não tem diagnóstico fechado.
10. Quando você tem um aluno que apresenta problemas e/ou dificuldades de aprendizagem o que você faz?
- () Chama os pais para uma conversa.
 - () Comunica a coordenação pedagógica e a direção da unidade escolar.
 - () Encaminha o aluno para o serviço de educação especial.
 - () Encaminha o aluno para o reforço escolar.
 - () Procura mudar sua prática pedagógica.
 - () Outro. Qual? _____
11. Alunos com dificuldades e/ou problemas de aprendizagem podem fracassar no aprendizado escolar e por isso passam a ser rotulados, quando essa situação ocorre qual é a sua atitude?
- () conversa com todos os seus alunos
 - () comunica a coordenação pedagógica e a direção da unidade escolar.
 - () conversa com os pais do aluno rotulado
 - () procura fazer com que esse aluno participe mais das aulas.
 - () Outro. Qual? _____
12. Você considera ter condições de trabalho adequadas para ensinar alunos com problemas e/ou

dificuldades de aprendizagem?

- () Há recursos materiais adequados
- () Há horário disponível para o trabalho individualizado
- () Há espaço físico para os atendimentos individuais
- () Há apoio de algum profissional especializado.
- () Há apoio da coordenação e direção da unidade escolar.

13. Você tem apoio da coordenação ou direção para trabalhar com esses alunos? Considera esse tipo de apoio importante para a sua prática pedagógica em sala de aula? Justifique.
